



Sistema **OCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO VI • Nº 19 • NOV./DEZ. 2015

SABER COOPERAR

A REVISTA DO COOPERATIVISMO

UNIDAS PELA NATUREZA

NÚCLEOS DE COOPERADAS CAPIXABAS FIRMAM PARCERIA COM O GOVERNO PARA REFLORESTAMENTO



CRISE? NÓS ENFRENTAMOS
COOPERATIVISMO TRABALHA
COM SOLUÇÕES CRIATIVAS
EM MOMENTOS INSTÁVEIS

SAÚDE EM DESTAQUE
SEIS COOPERATIVAS ESTÃO
ENTRE AS 10 MELHORES
OPERADORAS DO BRASIL

Eu +

você + nós + todos

Quando alguém vislumbra grandes mudanças, pode ser apenas um sonho. Mas, se todos se unem em torno desse sonho, isso é cooperativismo. A força realizadora para transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz e com melhores oportunidades para todos.

Seja feliz em 2016.



Vencer é a solução

Desafios fazem parte do cotidiano do cooperativismo. É assim, conjugando a todo momento o verbo enfrentar, que fechamos mais um ano marcado pela exigência de elaborar soluções. Para o universo cooperativista, crise significa oportunidade de criar, crescer e vencer. A busca pela intercooperação sempre leva a resultados positivos para todos os envolvidos, mostra a reportagem da editoria *Cooperando*.

Nesta edição, você vai ver também outros exemplos de cooperativas que mostram como aproveitar a lição do momento crítico. Aqui, destaca-se o empenho dos ramos Mineral (Coogavepe, de Mato Grosso; e Uniquartz, de Minas Gerais) e Agropecuário (Aurora, de Santa Catarina, e a mineira Suinco) na bem-sucedida iniciativa de driblar a crise e otimizar os lucros.

Nosso personagem, João da Matta, com base na vasta experiência como um dos maiores conhecedores da citricultura do Brasil, aposta na causa cooperativista para triunfar na crise. Aos 81 anos, da Matta, que também é um dos fundadores da Coopercitrus, ensina: "Quem está organizado em cooperativas vai ter mais facilidade para enfrentar as adversidades".

Na seção *Entrevista*, a consultora de marketing Martha Gabriel fala sobre os conceitos de marca, estreitamente relacionados com a filosofia cooperativista.

Parcerias com a natureza demonstram o quão engajado está o cooperativismo na sustentabilidade. Instituições do Amazonas, do Paraná e de Minas investem na criação ecológica de abelhas, garantem boa produção e beneficiam também o ecossistema. Já no Espírito Santo, núcleos femininos cooperativistas fecham parceria com o governo e trabalham no reflorestamento.

Atuantes no presente e com o olhar voltado para o futuro, os cooperativistas primam pela qualidade de vida e ganham destaque nacional. Em recente

ranking elaborado pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), seis cooperativas foram classificadas entre as melhores operadoras de saúde do país.

Saúde é, igualmente, a meta de cooperativas de São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas e Minas que apostam as fichas em programas incentivadores de práticas esportivas. Corridas de rua têm sido o foco desse trabalho, que desperta cada vez mais o interesse de cooperados e da sociedade em geral.

Ainda nesta edição, conheça as melhores cooperativas do ano em gestão e governança, com as principais vencedoras do Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão. Boa leitura. E que 2016 seja mais um ano a registrar novas conquistas para todos.

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB



SESCOOP

• CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Caio Tibério Dornelles da Rocha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Maria Socorro Dias Durães – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Déborah Virginia Macedo Aroxa

• CONSELHO FISCAL

Representantes da OCB

Gilcimar Barros Pureza – Presidente do Conselho Fiscal

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasin – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Tania Mara Garib – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

Edilson Rodrigues Tavares – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Elise Andreolla – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

OCB

• CONSELHO FISCAL

Silvio Sivestre de Carvalho – Coordenador

Malaquias Ancelmo de Oliveira

Raimundo Sérgio Campos

João Carlos Spenthof – Suplente

• DIRETORIA

João Paulo Koslovski - Secretário geral (Ocepar)

Celso Ramos Regis - Titular (OCB-MS)

Edivaldo Del Grande - Titular (Ocesp)

João Nicélio Alves Nogueira - Titular (OCB-CE)

Petrucio Pereira de Magalhães Júnior - Titular (COB-AM)

Mascus Antônio Zordan - Suplente (OCB-SC)

Haroldo Max de Sousa - Suplente (OCB-GO)

Esthério Sebastião Colnago - Suplente (OCB-ES)

André Pacelli Bezerra Viana - Suplente (OCB-PB)

Ricardo Benedito Khouri - Suplente (OCB-TO)

• CONSELHO DE ÉTICA

Ruiter Luiz Andrade Pádua - Coordenador

Evaristo Câmara Machado Netto

Marcio Antonio Portocarrero

Dick Carlos de Geus - Suplente

CNCOOP

• CONSELHO FISCAL

Nelson Costa - Titular

André Pacelli Bezerra Viana - Titular

José Aparecido dos Santos - Titular

Dalva Aparecida Garcia Caramalac - Suplente

Vanderval José Ribeiro - Suplente

• DIRETORIA

Márcio Lopes de Freitas - Presidente

Ronaldo Ernesto Scucato - Vice-presidente indicado substituto

Malaquias Ancelmo de Oliveira - Vice-presidente e Secretário

Haroldo Max de Sousa - Vice-presidente Tesoureiro

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** - órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** - entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** - integrante do “Sistema S”, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



Esta é uma publicação produzida com recursos do SESCOOP

Gerência de Comunicação

Daniela Lemke

Conselho Editorial

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Nelson Claro, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Gabriela Prado (DRT/DF-6882)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final
Grupo Informe - Comunicação Integrada

Edição

Chico Neto
com Gabriela Prado

Reportagem

Dijanira Goulart, Luciana Barreto, Maria Alice Monteiro e Aurélio Prado (colaboração)

Diagramação

Vanessa Farias

Versão digital

Diego Soares

Fotografia

Bruno Spada

Ilustrações

Luciana Bastos

Revisão

Beth Nardelli

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica Brasil

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco "T" • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936

06

CONEXÃO COOPERATIVA

O que andam dizendo as principais lideranças e personalidades ligadas ao meio cooperativista.



08

ENTREVISTA

Martha Gabriel, consultora de marketing, fala sobre a importância de conhecer e saber conquistar o público.

14

CAPA

No Espírito Santo, núcleos femininos desenvolvem ações de reflorestamento em parceria com o governo.



SUMÁRIO



20

GOVERNANÇA

Seis cooperativas são classificadas pela ANS entre as dez melhores operadoras de saúde do país.

24

INOVAÇÃO

Crise, para o cooperativismo, significa desafio para encontrar soluções criativas e crescer.



28

NOSSO BRASIL

Investir no desenvolvimento sustentável é a aposta de cooperativas de apicultura que atuam em favor da natureza.

32

PERSONAGEM

Aos 81 anos, João Pedro Matta, da Coopercitrus, se mantém na ativa e lembra que sempre lutou para formar líderes.



36

ESPECIAL

Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão homenageia 32 cooperativas que se destacaram durante o ano.

42

COOPERANDO

Intercooperação: importante ferramenta na otimização logística e ampliação de mercados

46

BEM-ESTAR

Cooperativas de MG, RJ, SP e AM se destacam no incentivo a programas de práticas esportivas.

51

ARTIGO

Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB, lembra a importância da união para enfrentar o momento de crise.

52

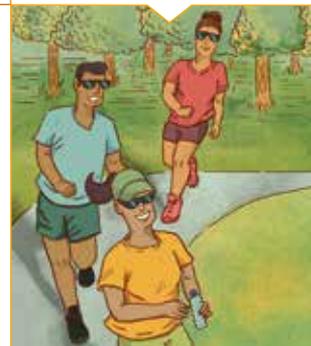
FIQUE DE OLHO

Acompanhe o movimento e conheça as principais realizações das cooperativas de vários estados.

54

MEMÓRIAS

Roberto Rodrigues lembra os tempos em que o Banco Central instituiu a cartela do "não pode".





“ O cooperativismo constitui um importante instrumento de promoção do desenvolvimento rural local e para a geração de renda. Do ponto de vista do produtor rural, a cooperativa faz com que ele se organize e se una, diminuindo seu custo de produção e aumentando sua lucratividade. ”

CAIO ROCHA,
secretário nacional de Produção Rural e Cooperativismo do Ministério da Agricultura

“ As cooperativas representam a pequena extração mineral, são elas as responsáveis por viabilizar o trabalho dos nossos garimpeiros e o sustento de suas famílias, além de garantir que as extrações sejam feitas de forma correta. ”

EDINHO BEZ,
deputado federal e representante do Ramo Mineral na Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop)

Iago Carvalho



Não consigo imaginar um modelo de distribuição de riqueza melhor do que o cooperativismo. De todos os tipos de relação de trabalho, o presente nas cooperativas é o mais socialmente justo, pois todo o resultado econômico obtido é distribuído entre os diversos cooperados. ”

JEIBSON DOS SANTOS JUSTINIANO,
procurador do Ministério Público do Trabalho da 11ª Região



Em geral, toda a comunidade internacional reconhece que as cooperativas são ferramentas de desenvolvimento da agricultura, em especial da agricultura familiar e seus pequenos produtores. Então, cada país, em diferentes graus de desenvolvimento, tem um relacionamento muito estreito com o cooperativismo. ”

MARIA JOSÉ CAMPOS,

presidente do Grupo de Diplomatas e Adidos de Agricultura no Brasil, conselheira e adida agrícola da Embaixada do Chile

” Eu digo que as cooperativas são filhas das necessidades e mãe das soluções. ”

MARCELO GALLO

assessor executivo da Federação Argentina de Cooperativas de Eletricidade (Face)

” Quando entendemos a ideia do cooperativismo como fortalecimento e conjunção de várias forças para um determinado setor, vemos que é uma saída para solucionar problemas locais - às vezes tão difíceis quando se está isolado. ”

SINÉSIO FERNANDES,

professor do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

” Os jovens são aptos a incorporar e a adaptar-se às novas tecnologias, adotando novas ideias, mantendo a motivação no seio da produção familiar, e todos esses são elementos muito necessários na cadeia produtiva. ”

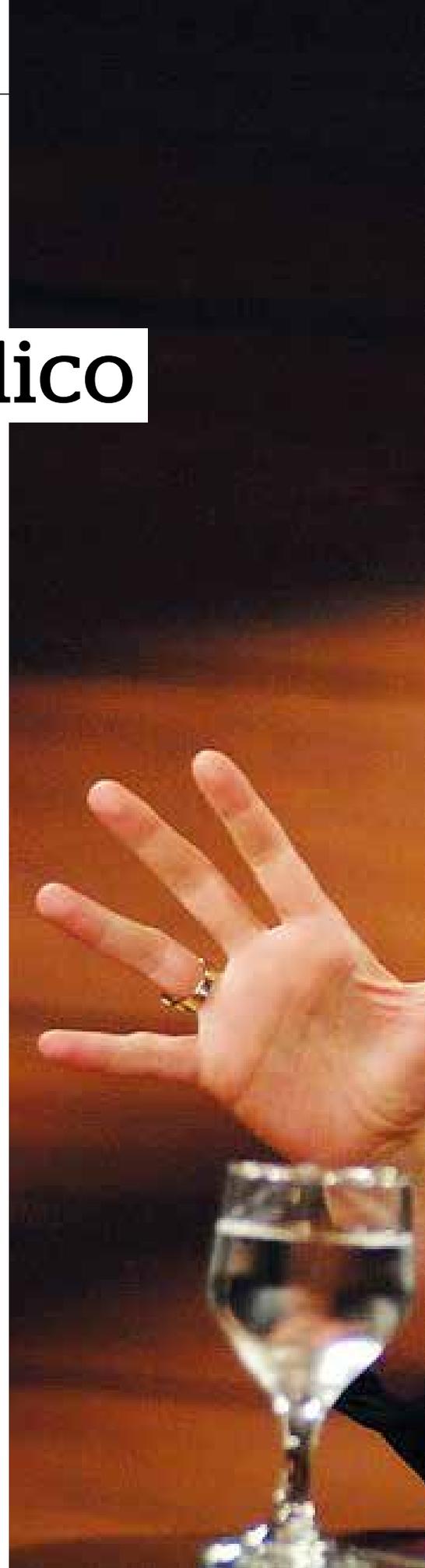
ARIEL LONDINSKY

secretário-geral da Federação Panamericana do Leite (Fepale)



“É importante conhecer o público para atraí-lo”

Com perfil entusiasta e propositivo, Martha Gabriel conjuga múltiplas habilidades e ofícios. De norte a sul do país, em uma vasta e dinâmica agenda que inclui conferências e cursos em outros países, a renomada especialista em marketing digital, inovação e educação vem compartilhando sua expertise e legando ensinamentos a públicos cada vez maiores e diversificados. Escritora premiada, engenheira pela Unicamp, consultora pós-graduada em marketing e design e PhD em artes pela USP, ela atua ainda como coordenadora de um MBA em marketing digital estratégico. Junto ao Sistema OCB, Martha tem exposto a importância do planejamento - “não como receita, mas como método”, sublinhando que, em nome do bem-estar, o verdadeiro marketing, que ocorre por meio de processos de troca, está “totalmente alinhado com a filosofia cooperativista, já que ‘troca’ pressupõe que as duas partes queiram e possam participar da transação”. Reitera ainda que o principal foco do marketing não são as tecnologias, mas as pessoas. De modo coerente e em consonância com o modelo cooperativista, aponta que a grande característica das tecnologias digitais é “participação, colaboração, interação”, o que justifica um melhor aproveitamento dessas ferramentas em favor do sistema. Aproveita para defender que a gestão de marca - ou seja, o *branding* - deve ser prioridade, o que acaba por requerer uma progressiva mudança de cultura, de forma que todas as ações associadas disponham dessa marca no seu “próprio DNA” - o que contribui, efetivamente, para que toda e qualquer organização seja valorizada.





A marca é um 'sentimento' que as pessoas têm quando entram em contato com ela, e esse sentimento deve transmitir com clareza o que a organização representa. ”

**A partir da sua reconhecida experiência como estudiosa e consultora em marketing, quais caminhos e estratégias uma organização deve adotar para se posicionar no mercado?**

Para que uma organização se posicione de forma assertiva no mercado a fim de obter bons resultados, é essencial que exista planejamento. É por meio do planejamento estratégico, acompanhado dos planejamentos de marketing, que se consegue traçar os melhores caminhos para uma organização. O planejamento é a ponte entre os objetivos e os resultados. É importante ressaltar, no entanto, que planejamento não é receita, mas método, e que, conforme aplicado, vai revelando as melhores soluções. Em função das transformações digitais no mundo, outros aspectos importantes a considerar para o sucesso das organizações hoje são também a antecipação, a agilidade e a **resiliência**. As organizações, de forma geral, são boas em reagir e oferecer produtos/serviços; no entanto, a velocidade acelerada de mudança hoje faz com que seja necessário se antecipar, transformando-se em protagonista das transformações e não suas vítimas - *be disruptive, not disrupted* (em tradução livre, equivalente a “seja perturbador, não perturbado”). **Peter Drucker** dizia: “Mude antes que seja necessário” - e esse deve ser o modelo mental de qualquer instituição ou pessoa que queira sobreviver e ter sucesso no cenário atual. Isso afeta também o planejamento, que precisa mudar na mesma velocidade que muda o mercado, senão ele fica de-

CEO

Incorporada ao vocabulário das comunicações empresariais, a palavra CEO é a sigla de chief executive officer, que, em inglês, corresponde a diretor executivo. O CEO é a pessoa com maior autoridade na hierarquia operacional de uma organização, sendo responsável pelas estratégias da empresa

Cisco

Situada em San José, na Califórnia (EUA), a multinacional Cisco Systems começou como fabricante de roteadores de grande porte, mas foi diversificando suas atividades e, hoje, é referência mundial em oferecimento de soluções para redes e comunicações. Tem cerca de 50 mil funcionários espalhados em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Resiliência

Originalmente, é a propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Em linguagem empresarial, significa a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar a adversidades ou mudanças.

Peter Drucker

Inspirador de administradores em todo o mundo, o consultor, economista e analista financeiro austríaco Peter Ferdinand Drucker (1909 - 2005) é considerado o pai da moderna gestão de empresas. Nos Estados Unidos - país para o qual migrou em 1935 -, ele foi professor de ciências sociais da Claremont Graduate University, na Califórnia.

satualizado. Por isso a agilidade nos processos é essencial. John Chambers, ex-CEO da **Cisco**, recentemente fez uma previsão de que 40% das empresas hoje não existirão em 10 anos justamente por não conseguirem acompanhar o ritmo acelerado das transformações.

O cooperativismo é um modelo e filosofia de vida que conjuga desenvolvimento econômico a bem-estar social segundo os princípios e a prática da solidariedade e participação democrática. De que modo as competências e habilidades de marketing podem ser incorporadas pelas cooperativas?

Marketing é a ciência que identifica necessidades e desejos das pessoas para oferecer produtos e serviços em um processo de troca. Portanto, o marketing pode ajudar qualquer negócio em que o foco seja satisfazer necessidades e desejos. No caso do cooperativismo, cuja essência é trazer melhores resultados para todos (por meio de práticas de solidariedade e participação democrática), o marketing pode auxiliar no melhor conhecimento e compreensão de todos os tipos de público que participam do sistema cooperado, para entregar o melhor para eles. Dessa forma, organizações, associações, colaboradores, cooperativas e públicos atendidos por cada uma delas podem ser beneficiados por ações de marketing. Além disso, como o verdadeiro marketing acontece por meio de processos de troca (e não coerção), ele está totalmente alinhado com a filosofia cooperati-



Se uma marca quer passar uma imagem de confiança ou sofisticação, dependendo do público, ela precisa analisar que tipos de elementos transmitem esses sentimentos para esses públicos. ”

vista, pois “troca” pressupõe que as duas partes queiram e possam participar da transação, colaborando para o bem-estar e a continuidade das relações entre as partes.

No que diz respeito ao marketing digital, especificamente, como os principais conceitos associados podem ser aproveitados pelo setor cooperativista?

O digital transforma os públicos e oferece diversas tecnologias e plataformas de comunicação, a serem consideradas no plano de marketing em todas as suas dimensões. No entanto, o foco do marketing não são tecnologias, e sim pessoas. Dessa forma, durante o planejamento de marketing, devemos partir das pessoas, suas necessidades, desejos e comportamentos para, então, usarmos as melhores soluções estratégicas para cada público - sejam essas soluções digitais ou não. É essencial o marketing considerar todas as plataformas que os públicos usam - digitais e tradicionais -, apropriando-se e utilizando as que forem mais ade-

quadas para eles. Normalmente, as melhores estratégias de marketing usam um mix de plataformas que incluem *on* e *off* trabalhando juntas, já que, normalmente, as pessoas, nossos públicos, também usam um mix de plataformas *on* e *off* no seu cotidiano. Nesse contexto, o digital traz maior complexidade para o ambiente de marketing, mas também oferece inúmeras novas possibilidades, desde que se conheça muito bem cada público e cada plataforma. Pensando mais especificamente no modelo cooperativista, é interessante ressaltar que uma das premissas inerentes das tecnologias digitais é “participação, colaboração e interação” - essas são características muito fortes também na essência cooperativista, portanto o digital oferece intrinsecamente maior ressonância estrutural para os valores do sistema cooperativo.

Quais as etapas a serem seguidas para a construção de uma marca? Como desenvolver um modelo de gestão no qual a marca seja assumida como prioridade, já

que essa identidade orienta e traduz o espírito e a missão da organização? Pensar em produtos e serviços personalizados para cada tipo de público faz parte desse processo?

Para se construir uma marca forte, é essencial que a organização conheça muito bem essas três coisas: seus públicos, a si mesma e seus objetivos no mercado. A marca é um “sentimento” que as pessoas têm quando entram em contato com ela, e esse sentimento deve transmitir com clareza o que a organização representa. Se o sentimento causado por uma marca for confuso, é pouco provável que ele crie um vínculo atrativo com as pessoas. Pense em gente - existem pessoas que conseguem causar claramente, desde o primeiro contato, sentimentos como admiração, respeito, elegância, proficiência em algo, agilidade ética, tornando-se extremamente atrativas. Por outro lado, existem pessoas que não conseguimos “decifrar” claramente, que passam sentimentos confusos, e isso, normalmente, nos afas-



ta. Com as marcas de organizações acontece o mesmo. Além disso, como públicos distintos interpretam o mundo de formas distintas, as organizações devem considerar esse fato no processo de criação e gestão de marcas, pois isso influencia fortemente no sentimento que devem causar. Assim, se uma marca quer passar uma imagem de confiança ou sofisticação, dependendo do público, ela precisa analisar que tipos de elementos transmitem esses sentimentos para esses públicos. Considerando-se ainda o ambiente hiperinformacional atual, altamente sobrecarregado de informações em velocidade estonteante, a questão da marca forte torna-se ainda mais importante, pois as pessoas cada vez menos têm atenção disponível; e, para conseguir conquistar e atrair os nossos públicos, precisamos passar uma mensagem clara e atrativa muito rapidamente. Para que a questão da gestão de marca (*branding*) seja assumida como prioridade em uma organização, faz-se necessário uma mudança de cultura, de forma que todas as ações de marketing tenham a marca no seu

DNA. Por exemplo, a criação de produtos, a comunicação, o atendimento, a determinação de locais de atendimento, enfim, tudo deve ter em mente, antes de qualquer coisa, a marca e o seu posicionamento. Todas as ações devem sempre contribuir para o fortalecimento e o reforço da marca, e, como resultado, a marca devolve essa força para todas as dimensões da organização. No entanto, esse processo é longo, pois não se consegue fazer transformações culturais, de valores, comportamentos e percepções sem um comprometimento de todos os colaboradores da instituição - da alta direção aos cargos operacionais. Normalmente isso requer um esforço inicial muito grande, mas, depois que o processo acontece, é muito fácil mantê-lo funcionando, pois, a partir do momento em que a cultura se transforma, passa a ser o principal meio que propaga nossos comportamentos, garantindo a sua manutenção. Isso funciona como um avião que requer um grande esforço e potência para decolar, mas que, depois que está no ar, se mantém mais facilmente.

Além da constituição e do fortalecimento da imagem de uma organização, por que investir na gestão de marca é tão importante?

Porque a marca permeia todos os produtos e ações de uma organização, fazendo com que a sua força (ou fraqueza) se transmita automaticamente para eles também. Assim, empresas que possuem marcas fortes conseguem resultados financeiros melhores. Outro fator importante é que uma marca pode valer mais do que qualquer outro ativo de uma organização. Estudos demonstram que proteger e fortalecer a marca faz com que a organização seja valorizada ao longo do tempo, enquanto falhar em protegê-la traz perdas de valor. Portanto, em médio e longo prazo, além do fortalecimento de imagem, uma marca bem administrada pode contribuir, e muito, para os resultados financeiros e a otimização de realização dos objetivos de uma organização.

Em relação ao chamado “marketing de conteúdo”, em uma época orientada por tão forte e veloz competitividade, como as cooperativas deveriam se comportar frente a esse mercado no sentido de constituir e fortalecer uma marca sem declinar de sua história, missão e especificidades? Como discernir e trabalhar os conteúdos mais relevantes e estratégicos do conjunto de produtos que cada cooperativa oferece?

O marketing de conteúdo não conflita em momento algum com a história, a missão e as especificidades de uma organização, mas,

ao contrário, ele pode e deve contribuir muito para reforçá-las. Justamente porque estamos vivendo um cenário altamente competitivo, não apenas em relação ao aumento de empresas concorrentes no mercado, mas também em relação à atenção das pessoas, o marketing de conteúdo torna-se uma ferramenta interessantíssima e eficiente quando bem utilizado, pois ele transforma a marca em conteúdos e conteúdos em marca, amplificando a presença e a percepção da marca. Para discernir sobre quais conteúdos devem ser usados para promover cada produto que a cooperativa oferece, é necessário desenvolver um plano de marketing de conteúdo, considerando-se as características dos diferentes públicos-alvo, bem como o que é atrativo para eles e criar estratégias para colocar a marca e seus produtos nesses conteúdos, da forma mais natural possível. Por exemplo, para públicos altamente atraídos por jogos, estratégias de conteúdos usando ou se incorporando em jogos tendem a ser muito eficientes. Como os nossos cérebros são naturalmente atraídos por histórias, usar conteúdos com histórias para transmitir a marca e seus produtos é hoje uma das ferramentas mais poderosas de marketing. No entanto, não é qualquer história que atrai todo mundo; é importante conhecer o público para conseguir criar o conteúdo ideal para atraí-lo. Dessa forma, no contexto atual, as estratégias de marketing de conteúdo conseguem chegar aos nossos públicos de uma forma muito mais



As pessoas cada vez menos têm atenção disponível; e, para conseguir conquistar e atrair os nossos públicos, precisamos passar uma mensagem clara e atrativa muito rapidamente. ”

natural e atrativa do que a propaganda, trazendo resultados melhores com os públicos-alvo.

E os veículos de comunicação? Quais seriam as mídias mais eficientes para que a marca de uma organização suscite a esperada identificação positiva por parte do público?

Aqueles veículos e mídias que os públicos-alvo usam. Se o seu público usa Facebook, Twitter, WhatsApp, Instagram e TV, esses são os melhores meios para atingi-

-lo. No entanto, se o seu público usa jornal e rádio, são esses os melhores veículos para ele. Quem determina quais mídias devem ser usadas é o público-alvo, em função das mídias que ele próprio usa - é isso que vai possibilitar a eficiência da comunicação e identificação com o público. Dessa forma, cada cooperativa precisa analisar o comportamento de mídia dos seus públicos para poder escolher as melhores plataformas para eles.

Por fim, levando em conta todas essas questões, como efetivamente despertar gestores e empreendedores para a importância da construção e do fortalecimento de uma marca?

Mostrando a eles que uma marca forte é um bom negócio. A linguagem do gestor e do empreendedor é “resultado”. Quando eles percebem que a gestão de marca não é uma questão de comunicação ou marketing apenas, mas uma dimensão importante de negócio e para os seus resultados financeiros, passam a se interessar por isso. O primeiro passo, portanto, é a educação e conscientização desses gestores. Isso pode ser feito por meio de uma apresentação comparativa sobre o resultado de organizações que possuem marcas fortes em relação às que não têm, ou mesmo um case “antes e depois”, de empresas que passaram pelo processo de branding. Isso é usar a técnica de contar histórias que transmitam o nosso objetivo, que, nesse caso, é mostrar a importância da marca e sua gestão impactando os negócios, de forma simples e efetiva. ■



CAPA

Núcleos femininos ligados a cooperativas do Espírito Santo se engajam em projeto de preservação da água e plantio de árvores

Uma boa ideia a favor da



Trabalhar com foco na qualidade de vida é um princípio inerente ao cooperativismo, que, entre suas inúmeras atividades, desenvolve ações ambientais de grande repercussão. No Espírito Santo, o programa Cooperar para Reflorestar tem envolvido núcleos femininos cooperativistas em ações de grande importância para a sustentabilidade. Atualmente, 60 mulheres que aderiram ao projeto já fazem a diferença em sua região, atuando em recuperação e proteção de nascentes, beiras de rios, córregos, encostas e montanhas de propriedades rurais. Suas ações incluem o plantio de árvores e diversas outras espécies vegetais. É um trabalho contínuo que contempla o sexto e o sétimo princípios do cooperativismo - intercooperação e interesse pela comunidade, respectivamente.

Grande incentivador dos núcleos femininos das cooperativas capixabas, o presidente do Sistema OCB/ES, Esthério Sebastião Colnago, chama atenção ao fato de que esse trabalho também é uma forma de trazer a família para o meio cooperativista. “As mulheres se preocupam, de uma forma especial, com o bem-estar de suas famílias, e isso reflete em sua atuação dentro das propriedades rurais”, avalia. Para ele, a presença feminina reforça o empenho das cooperativas em atender às demandas vindas dos associados.

A preocupação com a água, lembra Colnago, é um ponto em comum entre as cooperativas e a agenda do governo capixaba, que já desenvolve um projeto com foco nessa questão. Daí nasceu a parceria entre o Sistema OCB/ES, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Seama) e o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema), que resultou no lançamento do projeto Cooperar para Reflorestar, em agosto deste ano.

Colnago entende que as mulheres mantêm, naturalmente, um olhar mais focado no futuro. “Por isso, nós as escolhemos para tomar a frente desse programa. Elas vêm demonstrando muita força e competência. Percebo que a escolha foi assertiva, pois as ações desenvolvidas por elas estão com uma ótima repercussão perante as cooperativas e a sociedade”.

EM AÇÃO

Em São Gabriel da Palha, município de relevo montanhoso situado ao noroeste do Espírito Santo e distante 212 km da capital, Vitória, a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores (Cooabriel) tem se destacado no traba-

natureza



“Se não houver ações como as do Cooperar para Reflorestar, corremos o sério risco de ficar sem água”

ANTÔNIO SOUZA NETO,
diretor-presidente da Coaabriel

lho do núcleo feminino dedicado ao programa. O foco nos recursos hídricos vem desde o início, informa o presidente da cooperativa, Antônio Joaquim de Souza Neto.

“Temos que preservar nossas reservas”, entusiasma-se. “Chegamos a um ponto crítico, pois, se não houver ações como as do Cooperar para Reflorestar, que priorizam a preservação das nas-

centes e dos rios e o reflorestamento, corremos o sério risco de ficar sem água.” Souza Neto ressalta que as participantes do programa desenvolvem esse trabalho “com excelência”.

Evani Maria Cassaro Martelli, 66 anos, conhecida como Dona Nininha, lidera o núcleo feminino da Coaabriel. “É uma missão que me traz muita satisfação, pois é uma maneira de participar, de forma ativa, das ações da cooperativa e também do dia a dia da produção”, comemora. “Antes, apenas nossos maridos e filhos cuidavam dos interesses da propriedade. Agora, todas nós podemos opinar e colaborar de forma mútua.”

Dona Nininha conta que aprendeu a zelar pela natureza com a mãe, Julieta Cassaro, 84 anos. Juntas, elas compartilham ideias e experiências de preservação do meio ambiente com as demais integrantes do grupo. “Minha mãe trabalhava com meu pai na produção de café, mas, no dia a dia, eu percebia um cuidado e uma preocupação maior por parte dela em relação à água e às plantas nativas de nossa propriedade”, lembra. “Então, fui criada com essa referência, esse ideal de produzir sempre pensando na preservação da natureza.”

CUIDANDO DA ÁGUA

Dona Julieta relata que a consciência ecológica foi transmitida

para sua filha de uma forma muito natural. “A minha maior preocupação sempre foi manter toda essa região com água, pois sem água ninguém consegue plantar, os animais morrem e ninguém produz”, explica a idosa, que, até hoje, se mostra participativa nessas ações. “Fico muito feliz em ver minha filha liderando esse grupo que está trabalhando com as nascentes e rios da nossa região.”

A filha reforça o foco da mãe, lembrando a importância do cooperativismo nesse processo: “Acho maravilhoso o governo do estado e as cooperativas se preocuparem com a preservação da água”. Atualmente, além do café, Dona Nininha cultiva diversas árvores frutíferas e plantas nativas. Ela aposta que, por meio do Cooperar para Reflorestar, todos têm muito a ganhar. “O programa só trouxe coisas boas para o nosso dia a dia no campo.”

As participantes do programa relatam que, antes da formação do núcleo feminino, na maioria das vezes, a participação no processo produtivo era restrita aos homens. Hoje, mais independentes, elas não só ajudam com opiniões, como também participam de forma direta, trabalhando na terra. É o caso de Maria Ângela Possati, 54 anos. Casada com um dos cooperados da Coaabriel, tão logo soube da formação do núcleo, ela procurou a cooperativa para se inscrever.

“Depois que comecei a participar das atividades, minha vida mudou para melhor, inclusive no

aspecto financeiro”, elogia. Maria Ângela conta que os cursos oferecidos pelo núcleo foram fundamentais para que ela aprendesse a diversificar o uso do café - inclusive no preparo de doces derivados do fruto, atividade paralela com a qual, hoje, ela ajuda no orçamento caseiro. “Antes, eu vivia doente e não me sentia valorizada pela minha família. Hoje, a minha voz tem vez e já participo das decisões em relação ao gerenciamento da nossa propriedade.”

*Mãe e filha,
há décadas,
se dedicam à
preservação do
meio ambiente.*

JULIETA CASSARO E NININHA MARTINELLI



DESMATAMENTO

Maria Ângela vê, nessa ação coletiva do grupo, “uma excelente oportunidade para incentivar o reflorestamento”. Quem também chama atenção para a necessidade de preservar as matas é a cooperada Marilsa Will, 48 anos, produtora de café. “Acredito que essa seca que está tendo aqui na região é resultado da falta de cuidado com as nossas reservas de água”, reconhece. Por isso, temos que reflorestar nossas propriedades.”

Leda Maria Bravin, 56 anos, diz ter sido despertada para a importância do papel da mulher dentro da cooperativa por meio de uma palestra sobre o programa Cooperar para Reflorestar. “Essa ação faz a gente compreender mais”, diz, referindo-se ao aprendizado da preservação das nascentes. São esses conhecimentos que ela utiliza ao trabalhar com o marido, cooperado da Coobrirel, na produção de café e de seringueiras.

Nadya Bronelli, assistente administrativa da Coobrirel, coordena as ações do núcleo feminino da cooperativa. “Quando fui convidada para participar desse projeto, me senti presenteada”, diz. “Para mim é um prazer conviver com essas meninas e servir de elo entre a Coobrirel e elas.” Seu trabalho inclui acompanhar o planejamento de ações do Cooperar para Reflorestar, que, por meio de um levantamento das propriedades rurais da região, re-



“Depois que comecei a participar das atividades, minha vida mudou para melhor, inclusive no aspecto financeiro.”

MARIA ÂNGELA POSSATI

gistra as nascentes e reservatórios de água e, posteriormente, elabora estudos de reflorestamento.

Da mesma forma que o presidente do Sistema OCB/ES destaca o olhar diferenciado das mulheres sobre as questões ambientais, Nadya aposta na força empreendedora feminina: “Elas reforçam essa consciência nos maridos e demais membros da família”.



“As cooperativas funcionam como um meio de envolver o produtor rural nas ações do estado e mostram a esses produtores modos de recuperar a floresta conciliando benefícios ambientais com renda.”

MARCOS SOSSAI,
da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do ES

PARCERIA VITORIOSA

Vertente do programa Reflorestar, iniciativa do Governo do Espírito Santo criada em 2011 para manter, recuperar e ampliar a cobertura florestal do estado por meio de práticas de uso autossustentável dos solos, o programa das cooperativas garante às mulheres participantes autonomia para gerenciar os recursos destinados à aquisição de insumos para o reflorestamento de suas propriedades - mudas, fertilizantes, material de construção, cercas etc. A verba é repassada por meio de contratos de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA).

O engenheiro florestal da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recurso Hídricos (Seama) Marcos Sossai explica que o Cooperar para Reflorestar surgiu de uma conversa entre ele e o presidente do Sistema OCB/ES, que relatou o in-

teresse em desenvolver uma ação em parceria com o governo. Em comum, a ideia era focada na participação de mulheres ligadas ao movimento cooperativista. Para ele, são sempre frutíferas as parcerias firmadas entre o governo e o setor cooperativista.

“As cooperativas funcionam como um meio de envolver o produtor rural nas ações do estado e também como uma forma de mostrar a esses produtores modos de recuperar a floresta conciliando benefícios ambientais com renda”, avalia Sossai. “A participação das mulheres nesse processo é muito importante, pois elas têm mais sensibilidade e mais abertura para novas propostas de cultivo.”

COMO FUNCIONA

A partir de estudos realizados nas propriedades que participam do programa, são sugeridas as me-

lhores ações para o processo de reflorestamento. Em seguida, firmam-se os contratos de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), que podem ser feitos de duas formas. A primeira é repassar os recursos diretamente ao produtor rural, por meio de um benefício que já existe ou que está sendo gerado. Nesse caso, são pagos, durante cinco anos, até R\$ 243 por hectare, e o valor não está sujeito a uma prestação de contas.

A segunda linha de pagamento, mais estimulada pelo governo, é o subsídio para compra de materiais de plantio. O processo tem início com a visita de um representante do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) ao produtor rural. A seguir, é elaborado um projeto técnico contendo as características da área que o produtor pretende recuperar, para que sejam indicadas as espécies ideais a serem planta-

das. No orçamento, pode-se obter em torno de R\$ 8 mil - cada projeto apresenta um valor específico, já que as áreas a serem reflorestadas variam de acordo com a propriedade analisada.

Concluídas essas etapas, o produtor rural firma um contrato em que se compromete com o governo a utilizar o valor repassado em ações de reflorestamento da sua propriedade. A verba é distribuída em três parcelas, durante três anos, sendo 50% repassados de imediato. Um ano depois, concluída a prestação das contas, são repassados mais 30%, valor complementado no ano seguinte, posteriormente a nova prestação de contas, pelos restantes 20% da verba. Avaliados os resultados e comprovado o bom uso dos recursos, o produtor fica quite; caso contrário, as doações se revertem em empréstimo e devem retornar ao governo. ■

Mulheres à frente

No Espírito Santo, os primeiros núcleos femininos começaram a tomar impulso em 2009, registrando diferentes ações de fomento ao cooperativismo. Foram promovidos diversos eventos, como seminários, intercâmbios, fóruns, feiras, encontros de mulheres e de casais e cursos em capacitação, culinária e áreas motivacionais. Atualmente, além da Coabriel, cinco cooperativas capixabas possuem núcleos movimentando 350 mulheres: Veneza, em Nova Venécia; Selita, em Cachoeiro de Itapemirim; Coopeavi (Cooperativa Agropecuária Centro-Serrana, fundada em Santa Maria de Jetibá e com sede em outros municípios capixabas) e Cooptac, em Afonso Cláudio.

Cooabriel

Fundada em 1963, a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores tem 4.328 sócios ativos e conta com 274 colaboradores. Além das filiais no Espírito Santo - em Nova Venécia, São Mateus, Águia Branca, Alto Rio Novo, Vila Valério e Boa Esperança -, mantém núcleos em Itabela e Teixeira de Freitas, municípios baianos.

5,6 mil
TONELADAS

Quantidade de café produzida, este ano, pelos associados da Coabriel

As ativistas em ação: cuidado especial com cada exemplar das espécies vegetais encontradas na região





Mais produtividade, melhores resultados

Programa de Qualificação das Operadoras, da ANS, classifica seis cooperativas entre as dez melhores operadoras de saúde do país

Minas Gerais, Roraima, Alagoas e Rio Grande do Norte despontam como estados onde se encontram as dez melhores operadoras de saúde do Brasil. A classificação é resultado do Programa de Qualificação das Operadoras 2015, traduzido pelo Índice de Desempenho da Saúde Suplementar (IDSS), da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Este ano, das 1,2 mil entidades que fazem parte da lista da ANS, seis das dez primeiras colocadas são cooperativas: três do Sistema Unimed e três do Sistema Uniodonto.

Para o presidente da Unimed do Brasil, Eudes de Freitas Aquino, a classificação é motivo de orgulho. “Isso demonstra a importância de um posicionamento firme, calcado em eficiência e eficácia, e que tem como foco a qualidade ao construir forte imagem junto à sociedade civil”, avalia. “Cooperativismo é, em essência, trabalho intenso e tão somente orientado em resultados, principalmente de forma coletiva e profissional.”

Quem também comemora é José Alves de Souza Neto, diretor-presidente da Uniodonto do Brasil, segundo o qual cooperativas odontológicas operadoras de saúde apresentam, na média, valores maiores do que as operadoras de odontologia de grupo. “Isso demonstra o compro-

misso e o grau de desenvolvimento que alcançamos ao longo de 43 anos de história”, enaltece.

Tal resultado é aferido pelo IDSS, índice que, conhecido como a “nota” das operadoras, varia de zero a um ponto e analisa quatro dimensões: atenção à saúde; econômico-finan-



Ilustração Luciana Bastos

ceira; estrutura e operação; e satisfação dos beneficiários. Em 2015, a média do IDSS das cooperativas médicas foi de 0,787 - rendimento superior ao das demais operadoras de saúde (autogestão, medicina de grupo, filantropia e seguradora), que obtiveram média de 0,688. Entre as cooperativas odontológicas e as operadoras classificadas como odontologia de grupo, a diferença entre a média foi ainda maior: 0,789 das cooperativas contra 0,642 das demais. O bom desempenho reflete a qualidade do trabalho desenvolvido pelas cooperativas de saúde, que correspondem a 30% das operadoras em atividade no Brasil e que, em 2014, movimentaram mais de R\$ 50 bilhões.

Atualmente, cerca de 24 milhões de pessoas são atendidas por planos de saúde ofertados por cooperativas médicas e odontológicas. Segundo José Abel Ximenes, coordenador do Ramo Saúde na OCB e presidente da Unimed Cerrado, a liderança disparada do Sistema Unimed e da Uniodonto confirma a força do segmento. "Os números traduzem o bom momento do cooperativismo de trabalho médico no Brasil", ressalta. Para Ximenes, o resultado também demonstra que as ações desenvolvidas pelas cooperativas têm permitido melhorar seus desempenhos, não só na avaliação da ANS, mas também em outros indicadores de mercado e de demais rankings de qualidade.

EXCELÊNCIA NO ATENDIMENTO

Primeira colocada na classificação da ANS pelo segundo ano consecutivo, com nota 0,9775, a Unimed

Vale do Carangola Cooperativa de Trabalho Médico Ltda. (MG) foi fundada em 1994. Atende atualmente 12 municípios da região, alcançando 4.393 consumidores. "O que levou a instituição a alcançar esta vitória foi um trabalho de equipe", pondera o presidente da cooperativa, José Ricardo Souza de Andrade. Ele acredita que esse é o maior estímulo para prosseguir atingindo boas colocações na classificação nacional.

Para Andrade, outro fator que contribui para os bons resultados é o comprometimento no atendimento ao público. A cooperativa de Carangola dispõe de uma ampla rede de prestadores de serviços que inclui quatro hospitais, 11 clínicas, nove laboratórios, 66 médicos cooperados e 17 colaboradores. Oferece serviços de fisioterapia, ressonância magnética, hemodiálise, hemodinâmica, tomografia, ultrassonografia, raios-X, densitometria óssea, exames laboratoriais, anatomopatológicos, serviços de psicologia, nutrição e fonoaudiologia. A Unimed Vale do Carangola conta ainda com uma ambulância para remoção de pacientes e um veículo para atendimento domiciliar.

Em quarto lugar no ranking da ANS, com 0,9538 pontos, a Unimed Palmeira dos Índios Cooperativa de Trabalho Médico, em Alagoas, funciona desde 1993 e hoje conta com 68 médicos cooperados, atendendo a 22 municípios e 6.970 beneficiários ativos. Ao longo dos anos, vem investindo em ações de medicina preventiva e em cursos voltados para usuários, cooperados e colaboradores. Atualmente, a rede conta com 59 médicos cooperados, um hospital, sete laboratórios e 15 clínicas, que in-

cluem serviços de psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos e fisioterapeutas, além de serviços de raios-X, ultrassonografia, eletroencefalograma, tomografia computadorizada e serviço de remoção por ambulância.

Segundo o presidente da Unimed Palmeira dos Índios, Dênio Fernando Calixto Barros, o bom resultado da cooperativa no ranking se deve à busca incessante pelo alcance dos principais indicadores estabelecidos pela ANS. "O sucesso é fruto de um planejamento ousado da administração, que buscou o ajustamento contábil às regras da Agência", explica, complementando que, no fim de 2014, a administração concentrou esforços no cumprimento integral da **Margem de Solvência**.

Margem de solvência

Regra financeira com foco na capitalização da operadora, levando em consideração o volume da operação. Para analisar os recursos próprios mínimos da operadora, é necessário realizar o cálculo estabelecido pela ANS sobre o patrimônio mínimo ajustado (PMA) e a margem de solvência.

"Todo esse esforço só foi possível graças à confiança e contribuição dos cooperados, administradores e colaboradores da empresa", ressalta o presidente, que destaca como "o pilar do cooperativismo" o trabalho da equipe e vê no planejamento estratégico a chave para alcançar bons resultados. "Isso possibilitou que a cooperativa controlasse seus principais custos, promovendo a oxigenação da carteira de novos clientes", argumenta.



PROCESSO CONTÍNUO

Com o intuito de oferecer atenção especial à clientela, ao aliar a dedicação de seus colaboradores a uma ampla cobertura médica, a Unimed São Sebastião do Paraíso Cooperativa de Trabalho Médico (MG) ficou em nono lugar na classificação da ANS, com 0,9357 pontos. A unidade, fundada em 1992, atende também aos municípios de Jacuí, Itamogi e São Tomás de Aquino, totalizando 48 cooperados e 7.094 beneficiários. Com duas ambulâncias – uma delas preparada com UTI móvel –, a instituição oferece pronto atendimento 24 horas, serviço de medicina domiciliar, programa de medicina preventiva, sistema de atendimento a recém-nascidos, grupo de acompanhamento de pacientes crônicos e serviço de ultrassonografia, além de ações de promoção, prevenção e educação em saúde abertas à comunidade.

“Chegar ao patamar onde nos encontramos hoje é o ápice de um processo de aprimoramento contínuo, iniciado há mais de 20 anos”, explica o gestor de marketing da cooperativa, Edson Paschoini. A instituição conta com quatro hospitais, sete laboratórios, 12 clínicas, 17 paramédicos credenciados, 50 médicos cooperados, oito médicos credenciados e 47 funcionários.

“A valorização de talentos, a integração, a união organizada da equipe, a sinergia e a soma das experiências adquiridas pelos colaboradores são vitais para o bom andamento do negócio”, salienta Paschoini, atento à importância de investir no ambiente de trabalho, na profissionalização



Os números traduzem o bom momento do cooperativismo de trabalho médico no Brasil. ”

JOSÉ ABEL XIMENES,
coordenador do Ramo Saúde na OCB e presidente da Unimed Cerrado

e na capacitação. Entre os maiores desafios atuais das operadoras de saúde, ele cita as novas tecnologias e tratamentos, o aumento constante das exigências da ANS, a majoração dos custos da saúde e o envelhecimento da população.

ODONTOLOGIA

Três cooperativas odontológicas também estão entre as dez melhores da classificação da ANS. A Uniodonto Uberaba (MG) ficou com o terceiro lugar, enquanto a Uniodonto Rio Grande do Norte terminou em quinto, seguida pela Uniodonto Roraima, em sexto. A Uniodonto de Uberaba, que se destaca na elaboração de eventos assistenciais e campanhas beneficentes, obteve 0,9586 pontos. Atende a 11 municípios, atingindo 24.815 beneficiários locais e 4.678 clientes de outras operadoras. A cooperativa tem hoje 320 cirurgiões-dentistas cooperados e 15 funcionários.

“Focamos sempre na melhoria de nossos processos, com a finalidade de redução de custos administrativos e aumento da produtividade dos cooperados, contemplando todas as normativas da ANS e conseguindo, dessa maneira, o aumento da competitividade no mercado e credibilidade por parte de nossos clientes”, comemora o gerente administrativo-financeiro Wesley Pereira Souza, que ressalta o engajamento da Uniodonto Uberaba nos programas voltados à comunidade. “Essas boas práticas e a busca continuada para o conhecimento do mercado auxiliam na identificação correta das necessidades e expectativas da clientela.”

Fundada em 1982, a Uniodonto do Rio Grande do Norte é a maior do ramo de saúde bucal do estado. Com mais de 200 cooperados, tem como metas a odontologia preventiva, especializada e personalizada, de alto padrão de qualidade e baixo custo. Seu presidente, Otomar Soares da Cunha, situa “a gestão profissional, humanizada, eficiente e socialmente responsável e a prestação de serviços de qualidade” como responsáveis pelo bom índice alcançado pela cooperativa - que atingiu 0,9483 pontos e o quinto lugar na classificação da ANS. O presidente vê a tecnologia como uma grande aliada para os atendimentos.

Destacada em valores como cooperação, ética, produtividade, excelência e empreendedorismo, a Uniodonto de Roraima obteve nota 0,9397 no IDSS. A cooperativa atende a capital, Boa Vista, abrangendo cerca de 900 beneficiários e oferecendo serviços odontológicos básicos prestados por 20 cooperados. A exemplo dos demais dirigentes, Carlos Alexandre Prado Horta, presidente da cooperativa, atribui a boa classificação ao trabalho em equipe, com o apoio de colaboradores, cooperados e da administração. “Quando assumimos a gestão, focamos em gerir uma cooperativa enxuta, minimizando as falhas de processos e com compromisso nos prazos a serem cumpridos”, relata. Para Horta, além de cumprir as exigências da ANS, o grande desafio atual é manter preços competitivos no mercados.

A boa classificação das cooperativas situadas fora dos grandes centros não é surpresa para o diretor-presidente da Uniodonto do Brasil, José Alves de Souza Neto. “Elas possuem todas as condições necessárias para desenvolver um trabalho de alto nível, como os próprios resultados nos comprovam. As diretorias, o grupo de colaboradores e, principalmente, os cooperados são os responsáveis pelos resultados obtidos”, conclui. ■

CLASSIFICAÇÃO DA ANS		
RANKING	RAZÃO SOCIAL	IDSS (BASE 2014)
1º	UNIMED VALE DO CARANGOLA COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO LTDA	0,97750
2º	ASSOCIAÇÃO POLICIAL DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE DE PRESIDENTE VENCESLAU	0,97720
3º	UNIODONTO DE UBERABA - COOPERATIVA DE TRABALHO ODONTOLÓGICO	0,95860
4º	UNIMED PALMEIRA DOS ÍNDIOS COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO	0,95380
5º	UNIODONTO/RN - COOPERATIVA ODONTOLÓGICA DO RIO GRANDE DO NORTE	0,94830
6º	UNIODONTO DE RORAIMA - COOPERATIVA DE TRABALHO ODONTOLÓGICO	0,93970
7º	FUNDAÇÃO SANEPAR DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	0,93910
8º	ASSOCIAÇÃO PRÓ-SAÚDE	0,93570
9º	UNIMED SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO	0,93570
10º	ASSOCIAÇÃO POLICIAL DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA	0,93540



Tempo de aproveitar oportunidades

Cooperativas encontram formas criativas para superar o momento complicado e ampliam sua área de atuação em parcerias fora do país

Diante do quadro que sinaliza dificuldades para a economia brasileira, as cooperativas transformam a instabilidade em oportunidades para crescer e avançar no mercado internacional. Em Mato Grosso, a Cooperativa dos Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto (Coogavepe) desponta como um exemplo de quem cria soluções. Tendo o ouro como principal matéria-prima de trabalho, a cooperativa aproveita para investir em novas tecnologias voltadas à extração e recuperação do solo.

É o que faz o presidente da instituição, Gilson Gomes Camboim, ter motivos para comemorar: “Estamos vendo o atual cenário como uma oportunidade para avançar. Em movimento estratégico, a cooperativa, este ano, não precisou recorrer às linhas de crédito nem aos

recursos provenientes de ações em bolsas de valores, soluções que normalmente são utilizadas pela maioria das mineradoras do país.”

Também centrada no Ramo Mineral, a Cooperativa Regional Garimpeira de Corinto (Uniquartz), em Minas Gerais, aproveita o momento para expandir os negócios. Seu diretor administrativo, Enio Gilmar Trindade, conta que, no estado, a instabilidade da economia afetou diretamente as empresas que consomem o quartzo, principal minério de trabalho da Uniquartz. Algumas pararam, outras demitiram funcionários e, com isso, reduziram sua capacidade de produção. As ações da cooperativa, porém, se beneficiaram da alta do dólar, que sinaliza o mercado externo como boa opção.

Trindade explica que a ideia de negociar com o mercado estrangei-

ro foi estimulada pela oferta de melhores preços apresentada por outros países. A primeira exportação da cooperativa foi para a China, em 2014, por meio de empresas que compraram os produtos dos cooperados. Agora, a Uniquartz pretende fazer essas operações de outra forma. “A falta de investimentos fez com que adiássemos um pouco os nossos planos, mas nossa intenção é realizar a venda dos nossos produtos sem intermediários, e quem sabe negociar com os grandes compradores, como China, Estados Unidos, Índia e países da Europa.”

EXPANSÃO

A mesma visão de que crises podem representar oportunidades é o que motiva a Cooperativa de Suinocultores de Patos de Minas (Suinco), de Minas Gerais, a inves-



Barras de ouro comercializadas pela Coogavepe: cooperativa também investe em tecnologias voltadas à recuperação do solo



Apesar da crise, seguiremos crescendo e fortalecendo a nossa posição como a melhor opção em custo/benefício do mercado.

CLÁUDIO NASSER DE CARVALHO,
presidente da Suinco

tir em soluções criativas. Seu presidente, Cláudio Nasser de Carvalho, conta que o cenário marcado por mudanças de rumo é um estímulo para a cooperativa se fortalecer, inclusive nas ações comerciais voltadas para o pequeno varejo. “A crise não afetou nem vai afetar nossos resultados”, garante. “As contramedidas foram adotadas desde maio, e os resultados começaram a aparecer em agosto. Com isso, crescemos 20% em 2015, tendo como parâmetro o ano passado. Seguimos aumentando a nossa produção. Buscamos eficiência, produtividade, redução de custos, produtos e canais de vendas mais rentáveis.”

Com exportações que, iniciadas em 2015, já respondem por 5% do faturamento, a Suinco trabalha com a perspectiva de, nos próximos dois anos, expandir esse índice para 30%. A conquista do mer-

cado externo, aponta Carvalho, se deu em virtude da excelência das instalações industriais da cooperativa e da comprovada alta qualidade dos produtos da marca Cozinha Premiada, que chamou a atenção dos revendedores internacionais. Atualmente, a Suinco exporta para Hong Kong e países do leste europeu, entre os quais estão em estágio avançado as negociações com a Rússia.

Hoje centrada em cortes suínos, a cooperativa mineira trabalha com a meta de ampliar sua produção para proteínas e outros derivados. “Apesar da crise, seguiremos crescendo e fortalecendo a nossa posição como a melhor opção em custo/benefício do mercado”, destaca o presidente da cooperativa. “Sempre melhoramos a cada crise. Está no DNA dos cooperados o trabalho incansável na busca de eficiência e



Divulgação



Seguimos aumentando a nossa produção. Buscamos eficiência, produtividade, redução de custos, produtos e canais de vendas mais rentáveis.

CLÁUDIO NASSER DE CARVALHO,
presidente da Suinco

Divulgação



Suinco

produtividade, o respeito ao ser humano e ao meio ambiente e o empenho na construção de uma sociedade mais digna e próspera. Isso me dá a segurança de afirmar que cada cooperado triunfará perante eventuais dificuldades.”

Também destacada no cenário nacional pela comercialização de produtos suínos - além de trabalhar com cortes de aves e bovinos -, a Cooperativa Central Aurora Alimentos, de Chapecó (SC), trabalha com boas expectativas para este fim de ano. Segundo estimativa de seu diretor comercial, Leomar Somensi, o faturamento da instituição deve crescer em torno de 10% até o fechamento de 2015.

Dois indicativos permitem a Somensi antever sucesso das vendas natalinas neste ano. O primeiro é que a cooperativa desponta como terceiro grupo do segmento de carnes no Brasil. O segundo fator favorável é um que, paradoxalmente, trabalha contra

a economia: a alta do dólar. Com o aumento das taxas cambiais, sinaliza o diretor comercial da Aurora, o consumidor brasileiro vai preferir os produtos nacionais. “O encarecimento da carne bovina também contribuirá para fortalecer a opção por produtos à base de carnes de aves e de suínos”, explica. É o cooperativismo driblando a crise com soluções criativas.

VENCENDO A RESISTÊNCIA DA ZONA DE CONFORTO

João José Forni, mestre em comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e autor do livro *Gestão de crises e comunicação - o que gestores e profissionais de comunicação precisam saber para enfrentar crises corporativas*, confirma: organizações que estão preparadas não são tomadas de surpresa

pela instabilidade econômica e têm melhores condições de contornar a má fase. Em alguns casos, encontram no momento da crise oportunidades que não teriam sido descobertas fora da zona de conforto.

“Nessa hora, as organizações que se saem melhor são geralmente aquelas que buscam soluções criativas e diversificam o próprio negócio”, avalia. “A crise, por si só, não tem o poder de acabar com a organização. Crises fazem parte da natureza do negócio e da vida das empresas. O grande problema é ignorá-las ou fazer de conta que nunca irão chegar.”

Forni relembra que, em um passado não muito remoto, quando o Brasil enfrentou outros momentos de crise, principalmente na época da alta inflação, as organizações competentes venceram desafios. E cita a atividade cooperativista como exemplo: “As cooperativas con-

seguiram sobreviver a períodos de muita turbulência no Brasil. O cooperativismo está arraigado na cultura da população. Se a hora é de dificuldade e os bancos tradicionais se retraem, é o momento de uma revisão nos procedimentos de negócio, de menos burocracia, menos despesas que podem ser proteladas ou cortadas, mais investimentos”.

Sincronizado com o momento atual, as cooperativas não dormem no ponto e fazem valer a prática de seu fundamento maior, o de todos se darem as mãos. “O comportamento das cooperativas, historicamente, em tempos de crise e, principalmente, no pós-crise, tanto no Brasil quanto fora do país, comprova o potencial do setor que amadurece, aprimora seus processos e se consolida perante o mercado”, acentua o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. ■



As cooperativas conseguiram sobreviver a períodos de muita turbulência no Brasil. ”

JOÃO FORNI,

autor de *Gestão de crises e comunicação - o que gestores e profissionais de comunicação precisam saber para enfrentar crises corporativas*



Bruno Spacia



Engajadas na preservação da vida

Cooperativas de apicultura colaboram para preservação do equilíbrio ecológico e fomentam o desenvolvimento sustentável



Divulgação

A Coopmel trabalha com criatórios de abelhas indígenas sem ferrão, que asseguram a polinização em larga escala e garantem a conservação da flora



Divulgação

Considerada o pulmão do mundo, a Amazônia tem, no cooperativismo, um forte aliado da defesa da qualidade de vida. A Cooperativa dos Criadores de Abelhas Indígenas da Amazônia (Coopmel) desponta como um importante exemplo desse engajamento. Preocupados com o avanço dos desmatamentos, os cooperados aboliram a extração do mel a partir da derrubada de árvores e, hoje, estimulam entre as comunidades locais a criação racional de abelhas indígenas sem ferrão. A alternativa foi incentivada a partir do alerta de estudos que comprovam a diminuição do número de abelhas em função da devastação ambiental.

Conhecida como meliponicultura, essa prática beneficia diversas famílias da região que trabalham com a atividade. “Há inúmeras razões que justificam o nosso interesse pela criação das abelhas sem ferrão”, diz o presidente da Coopmel, Jair Rodrigues Arruda. “Destaco o fato de que elas são os principais agentes polinizadores de várias plantas nativas. Conservar as abelhas da região sig-

nifica conservar os diversos tipos de vegetação, aumentar a produção das frutas nos pomares, contribuir para manter a floresta em pé, além de muitos outros benefícios para o meio ambiente e para os moradores.”

Em 2014, a Coopmel produziu 1,1 tonelada de mel, cifra que, este ano, tem a previsão de saltar para 3 toneladas. A meta é aumentar o número de colônias e de cooperados produtores. Atualmente, eles trabalham com 62 meliponários que comportam aproximadamente 3,5 mil colônias de abelhas sem ferrão, distribuídas em 13 comunidades rurais dos municípios de Boa Vista do Ramos e Maués. Além do mel, a cooperativa comercializa pólen em pequena escala e pretende, nos próximos anos, iniciar a produção de própolis, mel de eucalipto, mel com andiroba e outras variedades.

Até então comercializados predominantemente no Amazonas, os produtos da Coopmel, em breve, poderão ser encontrados em todo o território nacional. “Esperamos ampliar o número de cooperados e colônias de abelhas em nossos

meliponários”, adianta Jair Arruda. “Nosso objetivo é preparar a cooperativa para ter um crescimento gradativo com base no fortalecimento da meliponicultura. Também estamos pensando em formas de garantir o mercado, o que vai melhorar a renda e a qualidade de vida de nossos produtores e, quem sabe, fazer com que nos tornemos referência na criação de abelhas sem ferrão na Amazônia.”

A meliponicultura, que garante a preservação e a manutenção das espécies de abelhas nativas, é uma atividade de baixo impacto ambiental, que produz um alimento de elevado nível nutricional, com retorno financeiro garantido. A atividade enquadra-se nas atuais diretrizes de desenvolvimento da região amazônica, fundamentadas em promover o uso racional dos recursos da floresta, equilibrando interesses ambientais com metas sociais que contemplam as comunidades da região.





MEIO AMBIENTE

Em Minas Gerais, a Cooperativa Nacional de Apicultura (Conap) também se preocupa com equilíbrio ecológico e fomenta, entre os cooperados, boas práticas apícolas e manejo sustentável. Os associados têm a oportunidade de participar de palestras e eventos na área da apicultura que visam ao aperfeiçoamento das técnicas de manejo voltadas para a alta produtividade sem prejuízo ambiental. O presidente da cooperativa, Cristiano Carvalho, explica que o apicultor possui uma relação direta com a natureza e, antes de tudo, é um preservacionista. “Os problemas ambientais são também problemas do apicultor”, resume. “A aplicação de pesticidas, por exemplo, passa a ser um problema direto, pois interfere diretamente na produção e geração de renda dos nossos cooperados.”

A Conap possui cooperados com diferentes perfis, desde pequenos a grandes produtores, cada um trabalhando com 30 a 500 colmeias. A produção anual é de 240 toneladas de mel, e a cooperativa também comercializa extrato de própolis (alcoólico), acqua própolis (extrato aquoso), spray à base de mel e própolis e alguns tipos de compostos derivados do mel. O foco são distribuidores, atacadistas, supermercados e drogarias. Desde 1993, a Conap exporta seus produtos, atualmente contemplando Japão - onde no ano passado foi inaugurado um escritório de vendas em Tóquio -, Coreia do Sul, Taiwan, China, Estados Unidos e países da União Europeia e do Oriente Médio. As exportações, informa Carvalho, atualmente representam 70% da receita da

Divulgação



A Conap também atua na extração de própolis, produto originário das abelhas e conhecido por suas diversas aplicações medicinais

cooperativa e têm como carro-chefe própolis verde e seus derivados, produtos que, principalmente na Ásia, têm registrado significativo aumento de consumo.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Assim como a Coopmel e a Conap, a Cooperativa Agrofamiliar Solidária dos Apicultores da Costa Oeste do Paraná (Coofamel) trabalha com formas alternativas de produção de mel e foca suas ações na responsabilidade ambiental e social. “A gente procura orientar os cooperados e agricultores da região no sentido de fazer o uso correto dos agroquímicos, a fim de evitar que as abelhas e outros elementos do ecossistema venham a ser prejudicados”, conta o presidente da cooperativa, Pedro da Silva. “Já para evitar o desmatamento desordenado na região, oferecemos um curso técni-

co onde são trabalhadas formas de conscientizar os participantes sobre a importância de preservar o meio ambiente e de desenvolver estratégias de reflorestamento planejado. Explicamos que, depois de recuperada, a área poderá ser usada para a prática da apicultura, e isso serve como estímulo para o desenvolvimento sustentável da região.”

O presidente enfatiza que, nesse processo de ações voltadas ao manejo sustentável, é fundamental o papel da agricultura familiar. A fim de valorizar e motivar boas práticas, a Coofamel mantém, há três anos, um projeto voltado para a preservação de abelhas nativas da região. Paralelamente, o Programa Alimento Seguro garante a qualidade da produção de mel e seus derivados. A ação aborda desde a formação educacional do produtor, passando pelo sistema de manejo da apicultura, até chegar ao produto final. ■

COOPMEL

A Cooperativa dos Criadores de Abelhas Indígenas da Amazônia foi fundada em 2007.

Possui 62 cooperados e quatro funcionários. Com atuação em Boa Vista do Ramos e Maués, pretende expandir-se para outros cinco municípios localizados no Território do Baixo Amazonas: Barreirinha, Nhamundá, Parintins, Uruará e São Sebastião do Uatumã.

CONAP

Em atividade desde 1991, a Cooperativa Nacional de Apicultura possui cerca de 300 cooperados e 14 funcionários. Atua em Minas Gerais (Belo Vale, Entre Rios de Minas, Jeceaba, Barbacena, Nossa Senhora dos Remédios, Viçoso, Presidente Bernardes, Pará de Minas, Patrocínio, Ouro Branco, Itabirito, Brumadinho, Divinópolis, Lagoa Santa, Piedade Rio Grande, Caeté, Dom Joaquim, Senador Firmino, Piranga, Andrélandia, Oliveira, Moeda, Senhora de Oliveira, Antônio Carlos, Carmo da Mata, Ouro Preto, Ibiaí e Rio Acima), em São Paulo (Boa Esperança do Sul) e no Paraná (São José da Boa Vista e União da Vitória).

COOFAMEL

A Cooperativa Agrofamiliar Solidária dos Apicultores da Costa Oeste do Paraná foi fundada em 2006. Conta com oito funcionários e 158 cooperados, que produzem 300 toneladas de mel por ano, distribuídos em 420 pontos de venda no Brasil. Atua em 28 municípios da bacia hidrográfica do Paraná e também em Campina da Lagoa, Laranjeiras do Sul e Prudentópolis.

BIODIVERSIDADE EM FOCO

As abelhas possuem um papel fundamental na cadeia produtiva. Ao lado de outros insetos, aves e mamíferos, atenta o professor Antônio José Camilo de Aguiar, do Departamento de Zoologia da Universidade de Brasília (UnB), elas garantem a manutenção da biodiversidade no mundo por meio da polinização, processo durante o qual ocorre a reprodução de diversas espécies de plantas, bem como a disseminação de frutos e sementes. Segundo ele, embora as indústrias estejam sempre tentando criar va-

riedades fora desse ciclo, ainda somos 99% dependentes de alimentos que existem graças à polinização. Maracujá, morango, abóbora, acerola e café estão entre esses exemplos.

Aguiar aponta o desmatamento como a principal causa da extinção progressiva das abelhas, problema detectado por estudos que registram o déficit na produção de alimentos devido à ausência ou deficiência de polinização. "O uso intenso de venenos para controle de pragas afeta as abelhas", diz. Peixes, aves e algumas espécies de insetos também são prejudicados.

O professor explica que, no Bra-

sil, existem cerca de 5,5 mil espécies de abelhas, a maioria das quais só pode se manejar se houver gestão autossustentável de áreas naturais. No tocante à produção de mel, ele vê excelentes perspectivas na ação cooperativista voltada à apicultura. Lembra que as cooperativas podem apoiar a preservação de espécies nativas de abelhas através do manejo e da conservação de pastos apícolas naturais, que também servem de área de forrageio (consumo de vegetais não lenhosos sem extermínio da matriz da planta) para diversas espécies.





“O mundo mudou pra melhor”

Fundador da Coopercitrus acredita que cooperativas podem ser uma saída para enfrentar a crise econômica no Brasil

João Pedro Matta respira cooperativismo. Especialista em cítricos, é considerado um dos maiores conhecedores da cultura no país. Às vésperas de completar 81 anos, um dos fundadores da Cooperativa dos Cafeicultores e Citricultores de São Paulo (Coopercitrus), ainda trabalha com a mesma vontade de quando começou a atuar formalmente no setor, em 1964. Por trás da fala mansa e do olhar muito azul sempre atento, reside uma força que marcou sua presença em momentos importantes, como quando ele esteve entre os responsáveis por reorganizar os trabalhadores rurais da região, no fim dos anos 1950, e na época em que adquiriu o controle acionário da Frutesp, em 1978.

A paixão pela vida rural vem dos tempos de juventude. João Pedro Matta cresceu na Fazenda Santa Irene, em Bebedouro, a 368 km de São Paulo, uma das propriedades administradas pelo pai, João

Matta Júnior, localizada em uma região em que, na metade do século passado, a citricultura se desenvolvia, tomando rapidamente o lugar dos cafezais. Recém-formado engenheiro agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), de Piracicaba, ele começou sua carreira profissional em 1958, em Monte Azul Paulista, a 21 km de Bebedouro.

“Quando me formei, os cítricos estavam começando a chegar aqui, mas a cultura mais forte ainda era a do café”, recorda. Eram tempos de escassez de profissionais e muito trabalho a fazer. “Foi uma época de grandes inovações tecnológicas na agricultura. Apareciam novas variedades de café e a laranja estava deixando de ser planta de pomar doméstico para se tornar uma cultura promissora economicamente. Nessas terras férteis, a fruta se saiu muito bem. A laranja daqui chegava um pouco antes que a de Limeira, então havia um nicho de merca-



O cooperativismo é uma sociedade mais evoluída. A pessoa é importante; qualquer um pode ser eleito. ”



COOPERCITRUS

OFERTAS
Pagamento em 4x no cartão
SHOPPING Rural





do.” Naquela época, a produção era exclusiva para exportação.

A citricultura em Bebedouro se desenvolvia e rapidamente tornou-se referência no estado, aumentando a necessidade de mão de obra especializada que dominasse além das técnicas de plantio. “A laranja era outro tipo de cultura, e com ela apareceram as doenças e as pragas, algo que no café não existia. Era preciso um controle sistemático”, explica. Em 1960, quando retornou definitivamente a Bebedouro, João Pedro Matta juntou-se à equipe de organizadores do primeiro curso de Controladores de Doenças e Pragas dos Citros, que tinha como objetivo transmitir conhecimentos técnicos práticos aos trabalhadores rurais da região.

“Quando eu estudava, em Piracicaba, sempre se falava que a doença mais séria da citricultura era o *greening* (praga que, considerada a mais destrutiva doença a atingir

os citros no Brasil nos dias de hoje, surgiu na Ásia há mais de um século)”, lembra. “É uma bactéria que não existia e que agora aqui chegou, por contrabando de mudas, nas embalagens de ração.” O cooperativista lamenta que o Brasil não disponha de uma fiscalização agropecuária eficiente para controlar a entrada de pragas no país. Foi nos tempos de Piracicaba que se deu seu engajamento definitivo no cooperativismo.

Entre alguns aspectos que deram origem à inquietação surgida na época entre os agricultores da região, ele cita a entrada da legislação trabalhista no campo, a perda de força da cultura do café e o êxodo das famílias das fazendas para a cidade. “Passávamos por um período de indecisões. O produtor precisava de orientação, e a maneira mais lógica de fazer isso era organizando uma associação”, atenta.

Desativada naquela ocasião, a

Associação Rural de Bebedouro, na opinião de Matta, seria um instrumento eficaz para reestruturar a classe. Além disso, os produtores precisavam de insumos para tratar os pomares. Decidido, ele ajudou a reunir um grupo com os principais proprietários rurais da região e retomar os trabalhos da entidade. “Foi a semente para a formação de uma cooperativa onde o produtor pudesse adquirir produtos que iriam garantir a melhoria da produtividade de suas culturas”, explica João. “Aí já começamos a trabalhar em cooperação. Arregaçamos as mangas, dividimos as despesas, compramos papel, pagamos as contas e reformamos as máquinas de escrever.”

A associação se tornou o Sindicato Rural de Bebedouro, que, por sua vez, deu origem à Cooperativa Agropecuária da Zona de Bebedouro (Capezobe), em 1964, reunindo 32 produtores rurais e de cuja diretoria João Pedro fazia parte. Em 1976, de uma fusão entre a Capezobe e a Cooperativa dos Cafeicultores d'Oeste de São Paulo (CAPDO), nascia a Coopercitrus. “Nessa época, a gente já entendia mais de cooperativismo”, situa Matta, que já fazia parte do conselho de administração da entidade. Considerada hoje a maior cooperativa do estado de São Paulo na comercialização de insumos, máquinas e implementos agrícolas, a Coopercitrus teve, em 2014, faturamento superior a R\$ 1,8 bilhão.

Mais de meio século depois de aliar-se ao cooperativismo e ao testemunhar a citricultura perder espaço para a cana-de-açúcar, João

Pedro Matta mostra-se preocupado com a crise econômica. Otimista, no entanto, vê no cooperativismo uma forma de driblar os tempos mais difíceis. “Quem está organizado em cooperativas vai ter mais facilidade para enfrentar as adversidades”, pontua, categórico. “Existem levantamentos que mostram que, em 2008, as regiões onde cooperativas eram mais desenvolvidas atravessaram a crise com muito mais desenvoltura.”

Em sua opinião, isso ocorre devido ao grande valor que o cooperativismo dá aos seus associados. “O cooperativismo é uma sociedade mais evoluída. A pessoa é importante; qualquer um pode ser eleito”, argumenta. Matta defende, no entanto, a isenção política dos associados: “A política partidária tem de se manter longe da cooperativa. Não quer dizer que o cooperado não pode ser político. A política partidária, quando atinge as diretorias, a cúpula das cooperativas, leva a uma cisão do sistema”.

Depois de voltar de Piracicaba, em 1957, João Pedro Matta nunca mais deixou Bebedouro. Aposentou-se em 1995, após 37 anos de trabalho na Secretaria de Agricultura do município, mas segue em plena atividade na Coopercitrus, onde exerce o cargo de vice-presidente do conselho de administração. Preside ainda a Estação Experimental de Citricultura de Bebedouro (EECB) e a Fundação de Pesquisa Agroindustrial de Bebedouro, além de trabalhar como curador e diretor agrícola da Fundação Abílio Alves Marques, instituição de assistência a pacientes com câncer. “A fundação dispõe de um ambulatório grande; tem médicos, enfermeiros e assistentes sociais que atendem a população carente gratuitamente, dando assistência, inclusive, às famílias dos pacientes”, informa.

No pouco tempo que lhe resta livre, dedica-se ao cultivo da cana-de-açúcar em sua fazenda. “Era tudo laranja. Agora virou tudo cana”, constata. Assumidamente desligado das inovações tecnológicas, João Pedro Matta não faz questão de computadores ou celulares. Deixa para os mais jovens a incumbência de lidar com as novidades eletrônicas. “Eu sou do tempo da máquina de escrever.” Mas admite que a globalização faz bem, inclusive para o cooperativismo. “Hoje temos cooperativas mais bem-dirigidas, bem-organizadas. A Coopercitrus, por exemplo, evoluiu muito. O mundo mudou para melhor”, conclui. ■



Quem está organizado em cooperativas vai ter mais facilidade para enfrentar as adversidades. Existem levantamentos que mostram que, em 2008, as regiões onde cooperativas eram mais desenvolvidas atravessaram a crise com muito mais desenvoltura. ”



Bruno Spada



Os representantes das cooperativas premiadas: homenagem às melhores

Gente nossa nota 10



Os troféus, criações especiais entregues aos representantes das classificadas



Guilherme Karciel



Guilherme Karciel

Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão destaca experiências bem-sucedidas de 32 cooperativas brasileiras

A excelência e o êxito de diversas experiências de gestão e governança das cooperativas brasileiras foram exemplarmente reconhecidos pelo Sistema OCB durante cerimônia realizada em Brasília e que reuniu dezenas de representantes do setor, além de parlamentares e outros parceiros históricos do movimento, tanto do Executivo e Legislativo quanto da sociedade civil. Em sua segunda edição, o Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão é uma ação inovadora voltada exclusivamente a identificar, valorizar e incentivar boas práticas que merecem ser compartilhadas com todos os cooperativistas.

Em um auditório lotado, 32 cooperativas foram aclamadas nas faixas Ouro, Prata e Bronze por suas iniciativas bem-sucedidas que vêm sistematicamente contribuindo com sustentáveis e criativas ferramentas de gestão, cujos resultados conjugam eficiência econômica, alcance social e responsabilidade ambiental, bem como o aprimoramento do profissionalismo e do bem-estar dos próprios cooperados. As campeãs representam cinco ramos do cooperativismo: Saúde (13), Crédito (13), Infraestrutura (1), Consumo (1) e Agropecuário (4). Houve ainda empates na categoria Ouro - Unimed Circuito das Águas (MG) e Unimed Vitória (ES) - e no Destaque Melhoria Contínua, que



Ennio Spada



Cerimônia realizada em Brasília reuniu dezenas de representantes do setor



A essência do que propomos, em termos de participação, valorização, coletivismo e compartilhamento, está no DNA de vocês. ”

MÁRCIO HENRIQUE FERNANDES,
palestrante da noite

premiou Castrolanda (PR) e Sicrodi Sudoeste MT, enquanto a C. Vale (PR) foi reconhecida como Destaque Governança.

Inúmeras visitas técnicas credenciaram a comissão a avaliar as 246 cooperativas inscritas, participantes do Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC), que segue o modelo de excelência da gestão da Fundação Nacional da Qualidade (FNQ). Para concorrerem ao prêmio, as cooperativas devem aderir ao programa - uma importante ferramenta de diagnóstico de gestão, principalmente por elaborar e disponibilizar orientações quanto a melhorias em processos, produtos e serviços, por meio de relatórios gerados por um sistema.

“Esse prêmio demonstra que, ao praticarem a autogestão, as cooperativas podem cada vez mais aprimorar seu trabalho, criar felicidade para os associados e ainda ajudar o Brasil a superar o momento difícil que vive”, destacou o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “As 32 cooperativas reconhecidas com o Prêmio são absolutamente representativas do universo do cooperativismo brasileiro. Hoje, mais de mil participam do PDGC, e a nossa expectativa é de que, em cinco anos, as mais de seis mil cooperativas do país tenham aderido.”

Integrante da banca julgadora do Prêmio, Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas e



Bruno Spada

“

As cooperativas podem cada vez mais aprimorar seu trabalho, criar felicidade para os associados e ainda ajudar o Brasil a superar o momento difícil que vive.”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB

embaixador especial da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) para o cooperativismo mundial, demarcou brevemente a força constitucional do movimento como significativo ponto de partida para o setor: “A certidão de batismo do cooperativismo brasileiro veio em 1988, com a nova Constituição, que consagrou a liberdade e a autogestão das cooperativas. Hoje o cooperativismo recebe seu certificado de maioridade”.

Quem também exaltou a importância das instituições homenageadas durante o Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão foi o superinten-



Bruno Spada



Rodrigo Pimenta



As cooperativas premiadas são um retrato do país que queremos ser. ”

JAIRO MARTINS,
superintendente da FNQ

dente da FNQ, Jairo Martins. “As cooperativas premiadas são um retrato do país que queremos ser”, resumiu. “Há muita gente que quer trabalhar, o Brasil dispõe de recursos naturais, temos tudo. E as cooperativas brasileiras são extremamente corajosas, pois representam o Brasil que não esmorece, o Brasil que dá certo.”

Com um percurso que o credencia como um dos mais admirados líderes empresariais do Brasil, Márcio Henrique Fernandes, conselheiro da FNQ, encantou a plateia ao relatar, em uma palestra informal e bem-humorada com o tema “Felicidade dá lucro”, como sua experiência pessoal e profissional o levou a conceber o que chama de “filosofia de gestão”. Para ele, esse modelo, passível de aplicação nas mais distintas esferas organizacionais, é perfeitamente vinculado ao espírito associativista.

“Recentemente passei a conhecer o poder do cooperativismo e posso afirmar que a essência do que propomos, em termos de participação, valorização, coletivismo e compartilhamento, está no DNA de vocês”, destacou Fernandes, que também é diretor executivo da Elektro - uma das maiores distribuidoras de energia elétrica do Brasil e eleita por cinco anos consecutivos a melhor empresa para se trabalhar pela revista *Você S.A* e pela Great Place do Work (empresa global de pesquisa, consultoria e treinamento especializada no desenvolvimento de cultura e confiança no ambiente de trabalho). ■



Guilherme Kardel



Hoje o cooperativismo recebe seu certificado de maioria. ”

ROBERTO RODRIGUES,
da banca julgadora

DESTAQUE
GOVERNANÇA 2015
C.Vale

DESTAQUE MELHORIA
CONTÍNUA
Castrolanda
Sicredi Sudoeste Mato
Grosso

GRANDES VENCEDORAS
Unimed Vitória
Unimed Circuito das
Águas





FAIXA OURO

- Castrolanda
- Coopercon
- Sicoob São Miguel
- Sicredi Noroeste Mato Grosso
- Unimed BH
- Unimed Circuito das Águas
- Unimed Sul Capixaba
- Unimed Vitória



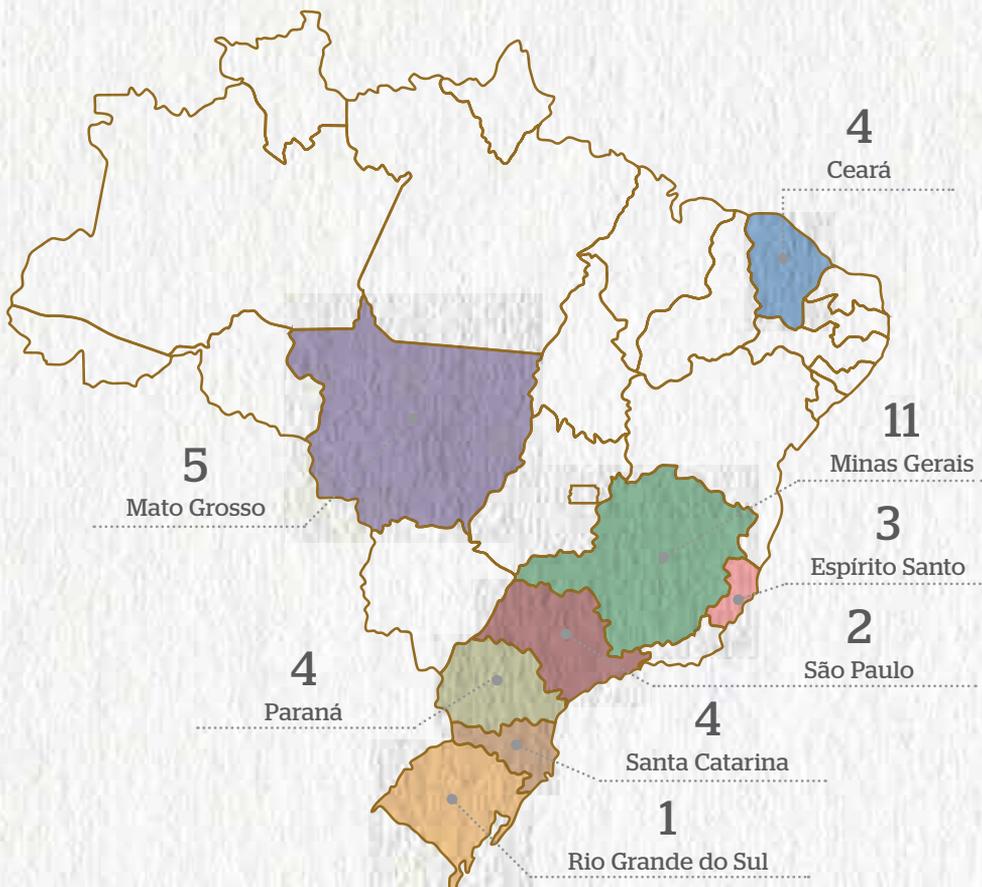
FAIXA PRATA

- CVale
- Sicoob Cofal
- Sicoob Credialto
- Sicredi Celeiro do Mato Grosso
- Sicredi Norte Mato Grosso
- Sicredi Pioneira
- Sicredi Sudoeste Mato Grosso
- Sicredi Vale do Piquiri
- Unimed Chapecó
- Viacredi



FAIXA BRONZE

- Camda
- Coop
- Coopama
- Coopanest
- Coopera
- Sicoob Credivag
- Sicoob Sul
- Sicredi Sul Mato Grosso
- Unidental
- Unimed Governador Valadares
- Unimed João Monlevade
- Unimed Maringá
- Unimed Poços de Caldas
- Unimed Varginha





Intercooperação, a jogada certa

Cooperativas desenvolvem novas estratégias de atuação conjunta em busca de conquistas que, cada vez mais, sinalizam ampliação do mercado

Uma planejada e estruturada conjugação de forças e interesses institucionais resulta em comprovados ganhos de escala, aumento da competitividade e redução de custos. A partir do desenho de uma nova estratégia de gestão, as cooperativas brasileiras, atualmente, têm se destacado por um bem-sucedido modelo de negócios com base nessas matrizes que orientam o conceito de intercooperação, importante ferramenta na otimização logística e ampliação de mercados.

No Paraná, quatro cooperativas de porte já se beneficiam da intercooperação. Localizada em Cascavel, a Cooperativa Central Regional Iguaçu Ltda (Cotriguaçu) - formada por um consórcio que agrupa C Vale, Coopavel, Copacol e Lar - segue o exemplo de outras uniões contratuais que exercem conjuntamente a comercialização, a aquisição de insumos, o transporte e a distri-

buição dos produtos, e configura mais uma experiência compartilhada de êxito econômico e eficiência operacional.

Com um faturamento total de R\$ 197,4 milhões em 2014, a Cotriguaçu se consolida como um importante expoente nacional no mercado logístico, ligando a região oeste do Paraná ao Porto de Paranaguá. O objetivo principal é reduzir os custos logísticos, proporcionando melhores resultados econômicos às empresas exportadoras e, consequentemente, aos produtores rurais. Coerentes com a missão do consórcio, a de ser reconhecida como uma das melhores empresas de logística e industrialização de trigo do país, os resultados de 2014 foram expressivos: o terminal portuário atingiu o maior volume de embarques de grãos sólidos de toda a história da Cotriguaçu, somando 2,9 milhões de toneladas, o que representa 19,52% do volume exportado pelo Porto de Paranaguá.

O moinho de trigo importou grande quantidade de matéria-prima de outros estados e países produtores para atender aos compromissos com os clientes, faturando, ao todo, R\$ 94,7 milhões com a comercialização de 87,5 mil toneladas de farinha e farelo de trigo. Já no terminal ferroviário, foram armazenadas 130 mil toneladas de produtos congelados no primeiro ano de operação da câmara frigorífica. Os embarques de contêineres, por meio do modal ferroviário, atingiram a movimentação recorde de 6.741 unidades com destino ao Porto de Paranaguá.

“O consórcio cumpre um papel e obtém um alcance operacional e econômico que exigiria das cooperativas sozinhas demandar muito esforço e investimentos”, afirma Dilvo Grolli, presidente do conselho de administração da Cotriguaçu. “A intercooperação é uma ação estratégica para a economia, o desenvolvimento e a complementação das



Terminal do Porto de Paranaguá: redução de custos logísticos otimiza os resultados

Sistema Ocepar/Divulgação

atividades - uma alternativa tão eficiente que fechamos o ano de 2015 com um saldo positivo de R\$ 50 milhões, ou seja, as cooperativas associadas não tiveram de gastar esse montante em transporte e logística, sendo, portanto, devidamente desoneradas.”

TRAJETÓRIA

A história de Cotriguaçu remonta a meados da década de 1970, quando cooperativas agrícolas da região oeste do Paraná, localizadas nas cidades de Cascavel, Toledo, Palotina, Marechal Cândi-

do Rondon e Campo Mourão, sob forma de condomínio, adquiriram uma área de terras junto ao Porto de Paranaguá. A seguir formaram um consórcio de cooperativas, visando à exportação de seus produtos e elaborando, assim, um projeto de quatro armazéns graneleiros, cada um com a capacidade de estoque e manejo de 25 mil toneladas.

Logo depois, com apoio financeiro do Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e recursos do Banco Central, juntaram-se outras três cooperativas de Medianeira, Capanema e Cafelândia. Formou-se, então, um pool de oito uni-

dades, que acabaram por formar o Terminal Portuário de Paranaguá, destacado, desde sua fundação, pela capacidade de recepção de mil toneladas por hora e embarque nos navios a uma velocidade de 1,5mil toneladas/hora.

Após o consórcio ter evoluído da condição de condomínio, o grande passo jurídico se deu em dezembro de 1975, momento de fundação da Cotriguaçu, com a meta de orientar e integrar as atividades econômicas e assistenciais, em maior escala, das associadas, desenvolvendo ações de caráter comum. No ano seguinte, a cooperativa já participava



Sistema Ocepat/Divulgação

Alfredo Lang (C.Vale), Dilvo Grolli (Coopavel), Valter Pitol (Copacol) e Irineo da Costa Rodrigues (Lar), no início dos trabalhos de ampliação do terminal ferroviário de Cascavel (PR): consórcio da Cotriguaçu já registra os benefícios da intercooperação

de nada menos do que 11,50% das exportações do país e quase 50% do Paraná. Em 1984, a Central registrou um dos seus melhores resultados, superando em 502% a produção do exercício anterior.

A partir daí, o crescimento econômico prosseguiu de modo sustentável e continuado, com base em investimentos que asseguraram a expansão e a modernização das estruturas para recebimento, classificação, armazenagem e embarque no terminal portuário, além de um moinho de trigo e um terminal ferroviário com câmara frigorífica e pátio para movimentação de contêineres. Os principais produtos movimentados são soja e farelo de soja, no terminal portuário; e trigo, farinha de trigo e farelo de trigo, no moinho de trigo. O terminal ferroviário cuida de produtos congelados e contêineres.

Para Dilvo Grolli, a intercooperação como modelo de negócios ainda tem muito a crescer no Brasil. “Como ilustração e a despeito da crise econômica, nossos resultados ilustram como essa estratégia organizacional é eficiente, afinal, em 2015 crescemos 20% em

relação ao ano passado”, complementa. “Sem dúvida alguma, o cooperativismo é uma força extraordinária para o agronegócio, para as mais variadas economias, gerando e distribuindo trabalho, renda e riqueza para o país, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento do campo e da cidade.”

A mesma visão afinada com o futuro é demonstrada pelo presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “Vemos que a diversidade pode alavancar negócios comuns e gerar ideias de sucesso”, observa. “Cada vez mais, a união entre as diversas cooperativas poderá assegurar ganhos de escala, com economia de preços, ampliação de prazos e outras vantagens competitivas que fortalecem os indicadores do setor.”

ESTRATÉGIA DE LONGO ALCANCE

Com o propósito de compartilhar ações técnicas desenvolvidas por todas as unidades do Sistema OCB, a intercooperação de boas práticas é uma estratégia organizacional que vem merecendo aten-

ção por parte dos gestores. Em outubro deste ano, Mato Grosso foi o primeiro estado a realizar o encontro das cinco unidades estaduais que integram o Fórum Permanente do Centro-Oeste e Tocantins. A proposta visa buscar a padronização de procedimentos e sistemas de gestão a partir de programas e soluções que resultem em alinhamento operacional dessas unidades, atendendo aos objetivos estratégicos do Sistema OCB.

Na oportunidade, em Cuiabá, foram disponibilizadas aos técnicos das unidades estaduais as práticas de gestão das chamadas áreas meio e fim da unidade de Mato Grosso, no que diz respeito a modelos de governança, cadastros e registros, sistemas de cobrança, áreas estratégicas, orçamentos, receitas, contratações, monitoramentos, programas, licitações, comunicação, entre outros campos de interesse comum.

“Essa primeira visita técnica permitiu uma interessante troca de experiência”, avalia Adair Mazzotti, superintendente do Sistema OCB/MT. “A proposta é que, a partir do conhecimento das boas práticas e da forma como são geridos os

processos apresentados, tais ações possam ser ajustadas e incorporadas a cada realidade institucional. O encontro foi muito produtivo e o compartilhamento de programas certamente irá contribuir com a melhoria dos serviços que oferecemos às nossas cooperativas.”

Entre as ações desenvolvidas em Mato Grosso, Jubrair Gomes Caiado Júnior, coordenador de Monitoramento do Sistema OCB/GO, destacou o programa Supravizio, “no qual é possível reduzir papéis, otimizar tempo e ainda analisar o desempenho dos funcionários”.

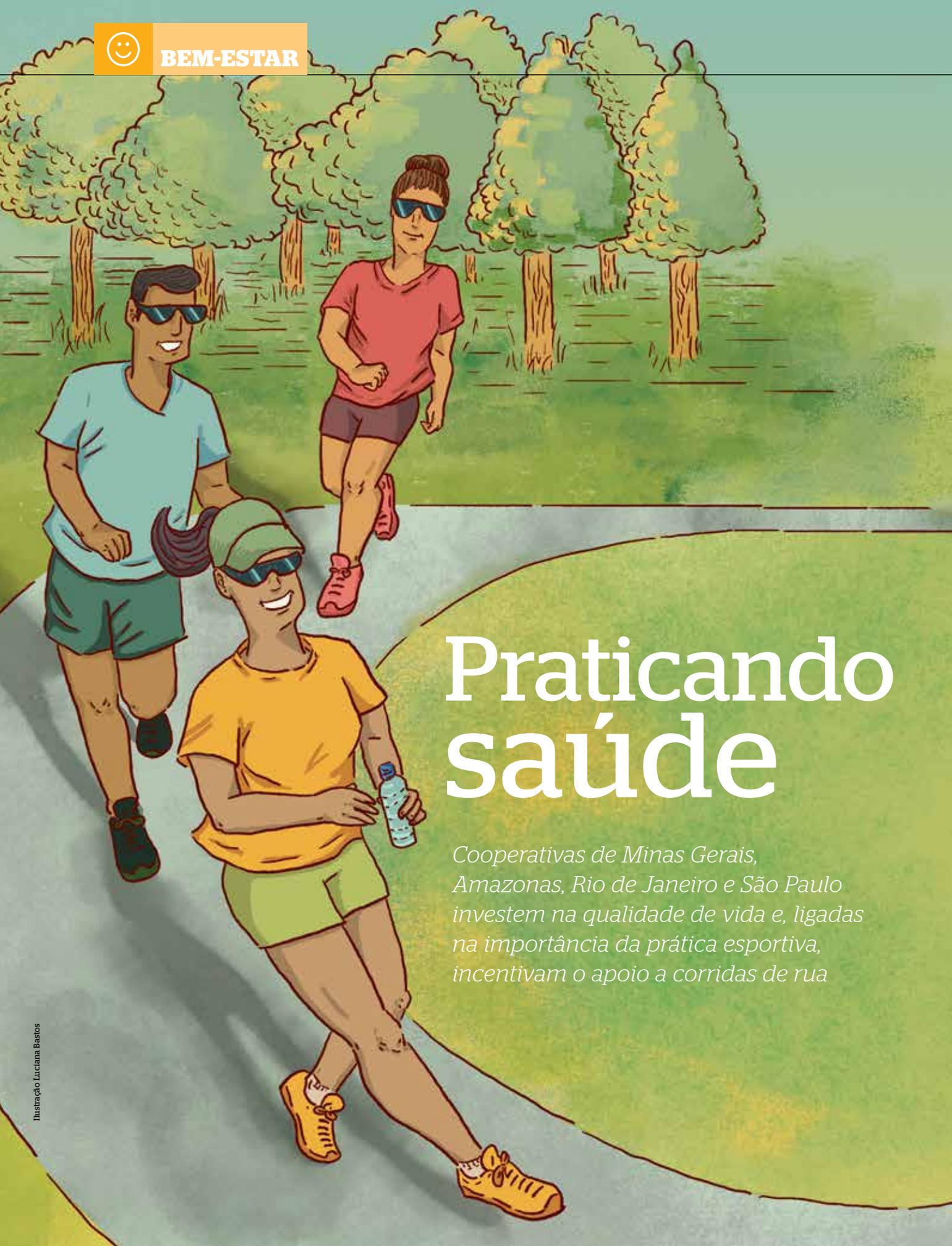
Integrando o mesmo fórum, foi realizado, em Goiânia, na segunda quinzena de outubro, o segun-

do encontro das unidades estaduais do Sistema OCB das regiões Centro-Oeste e o Tocantins, evento no qual os gestores debateram e conheceram iniciativas e programas desenvolvidos pela unidade de Goiás, que conta com 210 cooperativas. Ao defender o formato da intercooperação, Valéria Mendes, superintendente do Sistema OCB/GO, manifestou entusiasmo: “Esperamos que todos os representantes saiam mais bem preparados, melhores do que nós quando entramos, dispondo de mais segurança junto aos órgãos de controle e com capacidade de imprimir mais qualidade e eficiência aos serviços prestados”.

A partir de reuniões nas unidades estaduais do Sistema OCB em Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, o último encontro do Fórum foi realizado em Palmas (Tocantins), contando igualmente com a presença de superintendentes, gerentes e analistas das áreas operacional e finalística das entidades. Após essas sucessivas trocas de experiências e de boas práticas de gestão, o próximo passo é um relatório consolidado com os apontamentos das áreas técnicas de cada unidade - bem-sucedidos exemplos de eficiência técnica e administrativa que certamente merecem ser incorporados e seguidos. ■



Armazem graneleiro



Praticando saúde

Cooperativas de Minas Gerais, Amazonas, Rio de Janeiro e São Paulo investem na qualidade de vida e, ligadas na importância da prática esportiva, incentivam o apoio a corridas de rua

A prática regular de atividades físicas é um dos segredos para se levar uma vida mais feliz, saudável e longa. Como tudo que reafirma a qualidade de vida, essa é mais uma área de atuação do cooperativismo. Em diferentes regiões do país, há cooperativas atentas aos estudos que apontam exercícios como importantes para aliviar o estresse e proporcionar bem-estar, além de diminuir o risco de diversas doenças crônicas, como câncer, diabetes e problemas cardíacos. Além de incentivar práticas esportivas – como o futebol, que tem vigorosos representantes em programas especiais e times patrocinados por cooperativas –, o cooperativismo tem realizado e participado de corridas e caminhadas de rua em vários estados. Exemplos desse empenho em ações de sustentabilidade podem ser vistos em diversas unidades estaduais da Organização das Cooperativas Brasileiras.

O Sistema OCB/AM, desde 2014, promove a Corrida da Cooperação, em comemoração ao Dia Internacional do Cooperativismo, celebrado no primeiro sábado de julho. O calor e a umidade característicos de Manaus não são motivo para abalar os atletas que participam da Corrida da Cooperação. A segunda edição da competição, em junho, contou com 1,5 mil corredores, entre cooperativistas e comunidade, que percorreram 5 km na Avenida da Torre, na capital amazonense. Ao todo, 20 cooperativas locais participaram do evento, como a Unimed e a Uniodonto, que disponibilizaram unidades móveis para

atender urgências ou emergências durante a competição.

MUDANÇA RADICAL

Foi justamente na II Corrida da Cooperação de Manaus que Cintya Colares, 38 anos, contadora e professora universitária, estreou nas pistas de corrida. Depois de passar dois anos em Portugal concluindo um mestrado, ela notou que, quando subia as ladeiras de Lisboa, o fôlego lhe faltava. “Em Manaus, não é comum a gente andar na rua. Tudo se faz de carro. O calor é muito intenso”, justifica. Ao fim do período em Portugal, a professora estava 7 kg acima do peso e suas roupas não serviam mais. Então, em maio deste ano, aproveitou a companhia de amigas de infância e começou a frequentar um grupo de treino funcional, deixando de vez a vida sedentária.

“Nunca tinha feito exercício físico na vida. Fazia a matrícula na academia, mas acabava não indo”, relata Cintya, que começou praticando de segunda a sábado, mas, devido ao trabalho na universidade, hoje treina três vezes por semana. “O difícil é começar. É preciso ter persistência. Mas o importante mesmo é fazer qualquer exercício, contanto que lhe dê prazer. É muito bom quando a roupa volta a servir”, comemora, acrescentando que já chega a correr 3 km seguidos e logo pretende atingir os 5 km. “Treinar ao ar livre é mais gostoso. Tem mais gente, é mais divertido. Não falta a nenhum treino”, conta a professora, que alterna os exercícios entre a Ponta Negra e a Avenida das Torres, em Manaus. Ela sabe que trei-



Precisamos mostrar que é possível ajudar quem necessita através da união entre as cooperativas e comunidades. ”

PETRUCIO MAGALHÃES JÚNIOR,
presidente do Sistema OCB/AM



nos frequentes, além de regularem a pressão sanguínea, melhoram a autoestima, reduzem a ansiedade e ajudam a controlar o peso.

Cintya já perdeu 6 kg, e afirma que, depois que deixou a vida sedentária, passou a dormir melhor e a ter mais resistência, além de estar mais disposta. “Antes tinha uma fadiga constante”, admite. Consciente de que uma boa alimentação é grande aliada dos exercícios físicos, ela não come frituras e substituiu o pão pela tapioca com chia, além de evitar doces, refrigerantes e sal em excesso. “A reeducação alimentar também é essencial”, salienta. Desta forma, a professora está fora da preocupante estatística do Ministério da Saúde segundo a qual, atualmente, o Brasil possui mais de 90 milhões de pessoas acima do peso - quase a metade da população do país.

Em Manaus, além de competir, os atletas puderam praticar uma boa ação, doando alimentos para instituições filantrópicas. Para o presidente do Sistema OCB/AM, Petrucio Magalhães Júnior, eventos dessa magnitude solidificam a contribuição do cooperativismo para o exercício da solidariedade. “Queremos levar a cooperação e a solidariedade às comunidades, mesmo nos momentos em que estão sendo divulgadas nos meios de comunicação a violência, a corrupção e tantas outras mazelas sociais”, atenta. “Precisamos mostrar que é possível ajudar quem necessita através da união entre as cooperativas e comunidades.” A meta do Sescop/AM é realizar mais uma edição do evento no segundo semestre de 2016, ampliando o número de cooperativas envolvidas e de atletas. Além



Além de promover saúde, educação e lazer, o programa representa, para as cooperativas, uma ferramenta capaz de estabelecer canais de comunicação com o poder público e privado. ”

MAURÍCIO ANDRADE,
educador físico e analista de
Projetos de Esportes do Sescop/SP

de troféus e medalhas, os vencedores da prova deste ano receberam um plano odontológico com validade de um ano, oferecido pela Uniodonto Manaus.

BEM-ESTAR

Em São Paulo, o Sistema Ocesp, também engajado em ações que buscam melhorar a qualidade de vida, criou o programa Cooperatividade, que, além de corridas e caminhadas, desenvolve oficinas de atividade física e orientação para organização de eventos esportivos. É um trabalho intenso, que ultrapassa as fronteiras da capital. Este ano, o Sistema realizou quatro provas de rua em cidades paulistas - Cândido Mota, Santo Antônio de Posse, São José do Rio Preto e Registro -, além de 17 competições de cooperativas. “As corridas de rua são uma das formas de exercitarmos o sétimo princípio do cooperativismo”, salienta Edivaldo Del Grande, presidente do Sescop/SP. “Proporcionam saúde e bem-estar e ainda aproximam as pessoas.”

Em São Paulo, o volume de competições com a participação do cooperativismo é tamanho que, apenas em setembro deste ano, dois eventos se destacaram. Um deles foi uma corrida realizada pela Unimed de Botucatu. Foi nessa competição, disputada em um percurso de 6 km, que o coordenador de faturamento da cooperativa, João Carlos Adriano, 46 anos, estreou em eventos esportivos de rua. João conta que, até agosto deste ano, apenas caminhava. Um dia, ao acompanhar a esposa nos treinos, resolveu intensificar a atividade física e tomou gos-

to. Paralelamente à corrida, passou a se preocupar mais com a alimentação e mudou a dieta em função dos exercícios, além de notar mudanças dramáticas no ritmo de vida. “Melhora tudo, principalmente o ânimo e o sono”, ressalta João Carlos, que hoje treina, no mínimo, três vezes por semana no Ginásio Municipal de Botucatu, além de frequentar academia. “Já estou inscrito para uma nova corrida, no dia 29 de novembro”, revela.

Na cidade de Registro, também em setembro, o Sistema Ocesp promoveu uma caminhada de 3,5 km, em parceria com a Unimed e o Scredidi, com o intuito de integrar e socializar cooperativas e a comunidade. O evento fez parte do Cooperatividade, um programa que, ao promover um estilo de vida saudável para cooperados, empregados e familiares, busca incentivar pessoas sedentárias a se tornarem ativas fisicamente através da prática do esporte. O programa prevê oficinas de atividade física e orientação para organização de práticas esportivas, bem como caminhadas e uma prova de rua em cada cidade que aderir à ideia.

“Além de promover saúde, educação e lazer, o programa representa, para as cooperativas, uma ferramenta capaz de estabelecer canais de comunicação com o poder público e privado”, afirma Maurício Andrade, educador físico e analista de Projetos de Esportes do SESCOOP/SP. Em sua avaliação, o Cooperatividade é também um grande passo para sensibilizar e capacitar funcionários e cooperados a participar do processo de organização de um evento esportivo, que acaba por refletir na visibili-

dade da cooperativa na comunidade. A próxima caminhada do programa, ainda sem data marcada, será na cidade de Itapetininga, em uma prova realizada por meio de parceria entre SESCOOP/SP, Unimed, Crediceripa, Ceres e Uniodonto. Em outubro último, o Sistema Ocesp também participou, em São Paulo, da prova Speed Run, corrida com o apoio da Central Nacional Unimed (CNU).

INTERAÇÃO

Minas Gerais é outro estado fortemente engajado na realização de corridas de rua. Com o objetivo de tornar o sistema cooperativista mais conhecido e incentivar a adoção de hábitos saudáveis, o Sistema Ocemg realiza, em Belo Horizonte, desde 2012, a Corrida da Cooperação, uma das atividades comemorativas do Dia Internacional do Cooperativismo. “A corrida de rua está entre os esportes mais praticados do país”, lembra Ronaldo Scucato, presidente do Sistema Ocemg. “Em Minas, a proposta nos surpreendeu positivamente. O diferencial é contribuir para o bem-estar ajudando a quem precisa, visto que os atletas doam alimentos não perecíveis que beneficiam instituições filantrópicas anualmente. É uma iniciativa que promove os valores do cooperativismo.”

Na quarta edição, em julho, a Corrida da Cooperação, pela primeira vez, contou com a parceria do Sicoob Credicom, responsável pelo fornecimento de água mineral a todos que foram à Lagoa da Pampulha prestigiar a atividade. A expectativa do Sistema Ocemg é que a 5ª Corrida da Cooperação, programada para 24

de julho de 2016, seja um evento ainda maior. “Esperamos atingir, mais uma vez, o número de 4 mil atletas participantes, ampliar o número de parcerias, preferencialmente oriundas de cooperativa, e, mais uma vez, conquistar o reconhecimento da comunidade e dos atletas”, resume Andréa Sayar, gerente de Capacitação do Sistema Ocemg.

Em Minas, as competições são feitas em duas categorias: 10 km e 5 km. “Temos desde corredores eventuais, mas que devem estar bem preparados e condicionados para a atividade, até atletas que, sistematicamente, acompanham as principais corridas em Minas Gerais, no Brasil e, até mesmo no exterior”, explica Andréa. Durante a corrida são oferecidos serviços de alongamento e aquecimento, coordenados por educadores físicos e fisioterapeutas; aferição de pressão arterial e massagem após o circuito. Também são distribuídos isotônicos e frutas com alto índice de potássio. Além de troféus e medalhas, os participantes somam pontos obtidos na corrida junto à Federação Mineira de Atletismo.

Na programação de Belo Horizonte, há ainda a caminhada de 3 km, uma atividade não competitiva, mas de incentivo à prática do exercício físico. “Anualmente, temos a participação de pessoas com deficiência, algumas conduzidas em cadeiras de rodas. É uma atividade inclusiva”, ressalta a gerente. Na corrida deste ano foram arrecadadas oito toneladas de alimentos, montante doado pelos atletas inscritos. Os mantimentos foram encaminhados a 13 instituições filantrópicas da capital e da região metropolitana.



*Estimulamos
nossa equipe
a participar
de eventos
que propiciem
renovação na
qualidade de vida,
resultando em
melhora na saúde
e no trabalho
diário.* ”

MARCOS DIAZ,
presidente do Sistema OCB/RJ

RECEPTIVIDADE

No Rio de Janeiro, o Sistema OCB/RJ também vem fomentando a participação de cooperados em eventos de rua: em 2014, participou da Family Run e do Circuito Rio Antigo e, este ano, esteve presente na VII Etapa do Campeonato Fluminense de Corridas de Montanha de Engenheiro Paulo de Frontin. Em 2015, em parceria com a Cremendes, cooperativas do estado participaram de competições de 9 km a 12 km, parte do Circuito Brasileiro de Corridas de Montanha. Já em julho de 2014, associados da capital fluminense marcaram presença na Family Run, no Aterro do Flamengo, e somaram-se aos mais de 4 mil atletas participantes do Circuito Rio Antigo de Corrida e Caminhada.

Para promover a integração entre cooperados, o Sistema OCB/RJ custeou a participação de seus atletas, homens e mulheres entre 20 e 60 anos. “Estimulamos nossa equipe a participar de eventos que propiciem renovação na qualidade de vida, resultando em melhora na saúde e no trabalho diário”, explica o presidente da entidade, Marcos Diaz. A intenção é criar uma corrida exclusiva do cooperativismo fluminense. Dependendo da receptividade, explica, o projeto pode também se estender para além da região metropolitana, abrangendo municípios das regiões centro-sul fluminense, serrana, dos Lagos e norte-noroeste.

Aline Gomes foi uma das atletas participantes do Campeonato Fluminense de Corridas de Montanha. Ela tem 33 anos e começou a correr em 2013. Até então, levava uma vida to-

talmente sedentária e, devido a dores intensas na coluna, não podia trabalhar. Entrou para o Programa para Pessoas com Deficiências (PcD) da Vila Olímpica da Maré (VOM), no Rio de Janeiro, começou a fazer hidroterapia e caminhadas e mudou radicalmente a alimentação. Tempos depois, passou a fazer parte da equipe de atletismo da VOM e teve como mestres os ultramaratonistas Luiz Lacerda e Jaqueline Terto. Em quatro meses de treino, Aline perdeu 28 kg e terminou 2013 com 28 medalhas de participação em corridas de asfalto.

“Eu me tornei uma viciada em corridas de rua”, brinca a atleta, que desde o ano passado compete também em corridas de montanha. Em dezembro de 2014, ela participou da Corrida de São Silvestre e, este ano, classificou-se em 2º lugar na Corrida de Santos Reis. “O pódio não era algo impossível, mas bastante disputado”, afirma. Só este ano, Aline já terminou sete competições entre as primeiras três colocações. Hoje, cursa o 4º período de educação física no Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam), no Rio, e pretende fazer pós-graduação em psicologia do esporte.

“Passei a ter amor pelo esporte através da minha mudança e pretendo preparar grandes atletas na parte psicossocial e corporal, com performance de alto padrão de rendimento dentro das corridas”, revela Aline, que sonha em capacitar atletas de comunidades carentes. “Na vida, nada corre se não dermos os primeiros passos”, observa. “Nunca desistam dos seus sonhos. Saiam da zona de conforto onde estão agora e, mesmo devagar, façam algo, mas nunca parem.” ■



JUNTOS, VENCENDO A CRISE



Alexandre Alves

Um cenário tumultuado na economia e um clima de incertezas no campo político certamente marcaram o ano de 2015 para todos os brasileiros. Tivemos revisões nas perspectivas de crescimento do país, com queda do Produto Interno Bruto (PIB) em grande parte do tempo. De janeiro a setembro, por exemplo, o decréscimo foi de 3,2%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A inflação che-

gou a dois dígitos e a moeda brasileira ficou sensivelmente desvalorizada frente ao dólar americano. Sem dúvida, “crise” foi uma das palavras mais ouvidas nos noticiários, dentro e fora do Brasil, e esse cenário, segundo perspectivas de especialistas da área econômica, deve se estender no próximo ano.

Os reflexos chegaram, é claro, na população, que teve seu poder de consumo reduzido, assim como ocorreu também com investimentos de empresas nacionais e estrangeiras no país. A nota de risco do Brasil, em função de todos esses fatores, foi revista e rebaixada por agências de classificação. Em meio a esse processo, nos perguntamos, naturalmente, como essas questões refletiram também no cooperativismo brasileiro e qual deve ser o comportamento de um setor que pretende contornar as dificuldades, destacando-se como referência frente a todas essas turbulências.

Com certeza, o empreendedorismo e a inovação, ou seja, a capacidade de visualizar oportunidades e se reinventar, são diferenciais para empresas e pessoas nesse cenário conturbado. O modelo cooperativo de

fazer negócio já tem, portanto, uma vantagem. Nossas cooperativas, como comprovado na última crise global, entre 2008 e 2009, se destacaram justamente por essa formação diferenciada presente em seu DNA, que tem sua força no capital humano. Nos momentos bons, de resultados positivos, assim como nas situações adversas, tudo é compartilhado entre os associados.

Em um horizonte que ainda não está claro, nós, cooperativistas, podemos nos adiantar e explorar oportunidades. Para reduzir custos, aumentando a eficiência e, conseqüentemente, nossas receitas, o caminho está justamente no trabalho conjunto e na gestão profissionalizada, o qual pode ser potencializado pela intercooperação. Cooperativas de diferentes ramos trabalhando juntas, em redes eficientes de negócio, diversificando suas atividades e aspirando novos mercados e realidades. Temos um amplo espaço para ser conquistado e um potencial enorme de crescimento. Assim, passaremos juntos por mais uma crise, vencendo as dificuldades, alicerçados nos diferenciais do nosso modelo de negócios. ■



COOPERJOVEM I

Islan Gleidson dos Santos, de Pernambuco; Nayara Pereira da Silva, do Paraná; e Rayara Stefane Andrade de Carvalho, da Paraíba, são os vencedores da Categoria I (4º e 5º anos do Ensino Fundamental) do 9º Prêmio de Redação do Programa Cooperjovem. Na Categoria II (do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), os campeões são Júlia Valentim de Oliveira Pinheiro, do rio Grande do Norte; Kássia Lavinia Pereira Costa, da Paraíba; e Mônica Amaral Noveli, de São Paulo. Com o tema “Cooperação: uma prática de igualdade”, o concurso recebeu, este ano, 16.173 inscrições. Além dos estados originais dos ganhadores, participaram representantes de Mato Grosso do Sul e Santa Catarina.

COOPERJOVEM II

A novidade desta edição do concurso é que não houve primeiro, segundo e terceiro colocados, mas três melhores classificados. “A ideia é fortalecer a cooperação, aliada aos valores do cooperativismo, e não estimular competições”, explica a gerente de Desenvolvimento Social da unidade nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), Maria Eugênia Ruiz Borba. Os vencedores, além dos prêmios de participação, viajaram para Nova Petrópolis, cidade gaúcha considerada o berço do cooperativismo brasileiro. O Cooperjovem, iniciativa do Sistema OCB desenvolvida desde 2007, envolve cerca de 100 mil alunos e 411 escolas e tem o apoio de 79 cooperativas em 13 estados brasileiros.

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

O Sistema OCB/RJ foi um dos patrocinadores, na segunda semana de novembro, do Salão do Táxi do Rio de Janeiro. Reunindo um público de mais de 5 mil profissionais, entre cooperados, empresários, diretores, gerentes e administradores de cooperativas e empresas de frotas de todo o estado do Rio de Janeiro, o salão teve como objetivo fomentar a criação e o desenvolvimento de cooperativas de táxi, com foco no investimento na qualificação profissional dos taxistas. “A instituição está fazendo o que há ao nosso alcance para melhorar a capacitação profissional da categoria”, comentou o presidente do Sistema OCB/RJ, Marcos Diaz. O diretor da OCB/RJ e representante do Ramo Transporte no RJ, Vinícius Mesquita, enfatizou que as atividades do salão foram essenciais “para a construção de um novo modelo de serviço de táxi”.



Divulgação

ACI TEM NOVA LIDERANÇA

Em cerimônia realizada na cidade de Antalya, na Turquia, a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) deu posse à sua nova presidente, a canadense Monique Leroux (foto). Com 407 dos 742 votos, Monique, diretora geral do Sistema Desjardins de Cooperativismo de Crédito, maior grupo financeiro do distrito de Quebec, é a segunda mulher a ocupar o cargo, sucedendo a britânica Dame Pauline Green. “Quero expressar meus agradecimentos a todos os integrantes da ACI pelo apoio e confiança depositados em mim”, declarou, durante o evento.

PARAGUAIOS VISITAM OCEPAR

Referência nacional em cooperativismo, a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) recebeu a visita técnica de 34 cooperados e funcionários de 12 cooperativas de produção agropecuária do Paraguai. O grupo veio ao Brasil para conhecer de perto o sistema paranaense, com interesse especial nos programas de capacitação, gestão administrativa e integração de jovens e mulheres às cooperativas. “Ao se pensar no futuro e na consolidação do cooperativismo paraguaio, é preciso contemplar ações com base em experiências de sucesso, como as que existem no Paraná”, destacou Nilmar Schorr, presidente do Comitê de Educação da Cooperativa Naranjito, do Paraguai.



Ricardo Rossi

EM ALTA

A Cooperativa de Distribuição e Geração de Energia das Missões Ltda. (Cermisões), do Rio Grande do Sul, foi destaque no Prêmio Índice Aneel de Satisfação do Consumidor (Iasc), onde obteve 83,18 pontos. Promovido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), o Prêmio Iasc, desde 2000, é o resultado de pesquisas que avaliam o grau de satisfação dos consumidores residenciais com os serviços prestados pelas cooperativas de energia elétrica. A aferição envolveu 63 concessionárias e 38 permissionárias de distribuição, que foram avaliadas por mais de 25 mil consumidores de 550 municípios. No índice geral da Aneel, as cooperativas obtiveram a nota 69,31, enquanto as demais empresas chegaram a 57,03. Entre as cooperativas participantes, 15 tiveram índice superior a 74,81 pontos.

NOVO DIA C NO ES

Cooperativas capixabas promoveram, em novembro de 2015, uma reedição especial do Dia C, atividade realizada em julho em todo o território nacional. A ação - Novembro Azul, com foco na saúde do homem - foi realizada no distrito de Garrafão, em Santa Maria de Jetibá, cidade situada na região serrana do Espírito Santo, contemplando as cooperativas Coopeavi, CoopeTranserrana, Escola Cooperação e Sicoob. A meta foi conscientizar a população masculina a adotar hábitos preventivos contra o câncer de próstata, bem como prática de exercícios físicos. Também houve palestras sobre prevenção a tabagismo, alcoolismo, obesidade, hipertensão e diabetes.

**Roberto Rodrigues,**

coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, embaixador Especial da FAO para o Cooperativismo Mundial e presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)

Crédito cooperativo na Constituinte

Um importante líder cooperativista goiano, Paulo Roberto Cunha, então presidente da OCG, foi eleito vice-presidente da OCB em 1985, junto comigo. Com sua liderança no estado de origem, logo depois foi eleito deputado federal constituinte e se dedicou com afinco a defender os interesses legítimos da agropecuária e do cooperativismo do Brasil. Participou ativamente da Frente Parlamentar do Cooperativismo e da Frente Parlamentar Agropecuária.

Uma das minhas maiores ambições àquela época era salvaguardar as condições de avanço das cooperativas de crédito. Naquele tempo, então, o Banco Central, para impedir a picaretagem de aventureiros inescrupulosos que se aproveitavam da boa fé da população e lhe roubavam recursos via falsas cooperativas de crédito, havia criado regras intransponíveis para constituir e operar com seriedade este segmen-

to fundamental. Eram os chamados “não podes”. Nada podia: não podia ter talão de cheque, não podia fazer aplicação financeira, não podia pagar taxas e impostos, não podia, enfim, funcionar. A saída era conseguir inscrever na Constituição algo que mudasse isso.

Sob a orientação do grande mestre no assunto, o gaúcho Mario Kruel Guimarães, a equipe técnica da OCB, com José de Campos Melo, Alberto Veiga e José Roberto Ricken à frente, preparou um artigo nessa direção, e Paulo Roberto Cunha o apresentou à ANC.

As coisas caminhavam com relativa tranquilidade, com permanente e rigoroso acompanhamento do assessor parlamentar da OCB, Vergílio Perius, quando algo travou o processo.

Estava um dia na OCB quando, na hora do almoço, Paulo Roberto irrompeu na sala com grande ansiedade e me contou que o relator da comissão que tratava do assunto,

deputado José Lins, havia retirado nosso artigo do seu relatório final, que seria votado no dia seguinte. Seria o fim de nossa ambição de permitir que a agropecuária caminhasse com as próprias pernas.

Imediatamente resolvi procurar o deputado Roberto Cardoso Alves, líder do Centrão, e o encontrei internado no Hospital de Base de Brasília: havia caído do cavalo e estava com uma perna quebrada. Expliquei a ele o fato; ato contínuo, ele ligou para o relator e disse que exigia que o artigo voltasse ao relatório final, fazendo dura advertência a José Lins.

O artigo voltou para o relatório, foi aprovado na Comissão e no Plenário da Constituinte e isso finalmente eliminou os “não podes” do Bacen. Com isso, as cooperativas de crédito ganharam isonomia em relação ao sistema financeiro, abrindo a possibilidade da criação de bancos cooperativos. Desde então o Banco Central passou a aliado do cooperativismo de crédito. ■



Valorizar o jovem e contribuir para um país melhor

O Sescoop acredita que formar um aprendiz é uma oportunidade de participar do desenvolvimento social da comunidade, preparando-o para os desafios profissionais. O Programa Aprendiz Cooperativo orienta, capacita e promove o aperfeiçoamento de competências, por meio de formação qualificada e voltada para os princípios do cooperativismo.

www.brasilcooperativo.coop.br





Sistema**OCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

@diadecooperar



Dia de Cooperar

2016

AÇÕES QUE
CONSTROEM E
TRANSFORMAM
VIDAS

2 DE
JULHO

#VEM
COOPERAR

Acesse:
diac.brasilcooperativo.coop.br
e saiba como participar.